

ANNO V.

Nº 80



ÉPANOMA

PREÇO FÓRA DO ESTADO - 15200

O NORDESTE INTELLECTUAL

Quando Graciosa Araújo se despediu com o seu claro som-
so de thanatofugo amável, approximámos-nos do dr. Mário Portu-
c solicitámos-lhe os dois clássicos dêtos de prosa. Já sabíamos
que esse moço nôdestino, de vivo talento, acabara de concluir
brilhantemente o curso de Direito na Faculdade de Recife. Pôr-
sind o orador da turma, distinção que por si só significa um
elogio. Trabalhou na imprensa e nada impediria quer, transferindo
sícora e sua tende para o nosso Rio, continuasse a carregar o seu
cantar no tonel das Dandides a que o velho Hugo chama-
mos a imprensa.

Conversámos, conversámos bastante, ferindo uma porção de pontos sobre o progresso material e econômico do norte, assimados a uma estratégia envolta de segredos.

Miss, depois, batemos numas têcas pouco batidas, perguntando:

E que nos diz o colega da teição intelectual do Nor-

— Meu amigo, essa resposta é um tanto difícil de ser dada, porque talvez vá ferir sensibilidades. Comitudo, falarei em *theses* e os nomes que elas serão, a meu ver, os que realmente merecem destaque. No Nordeste, como em todo o Brasil, existe um numero sem fim de «jornalistas», «poetas», «romancistas» e aí! «philosophos». Há, tudo isso, a granel. Mas, meu caro, bem poucos são os que, verdadeiramente, merecem esses títulos. Notar-se-á uma grande falta de cultura — cultura no sentido elevado do termo, na sua[mais] digna expressão. E não é só isto. É mais, doloroso dizer-se que há carença de curiosidade pelas grandes conquistas do pensamento moderno. O homem de nossos dias sente-se assaltado por um numero largo de novos problemas. Problemas sociais, estheticos, etc., etc. Há grande ansiedade de espirito. Desta têm resultado novos methodos para o estudo do Universo. A

O GRANDE REMÉDIO BRAZILEIRO
NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO
EM 1922



ELIXIR DE NOGUEIRA

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARIES
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY COLLECTIONS
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARIES
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARIES

NO ACRE! The 240000
acres of land in the
United States.

Mrs. Sra. Viúva Silveira & Filho

Rio de Janeiro — Venho por
meio da presente agradecer-lhe e
tornar publico o grande e espan-
toso resultado que obtive com o
uso do vosso poderissimo pre-
ciso e utilissimo de Noemira

Achando-me há mais de um mês
saliendo de uma erupção
de pelle, coceira e muchas em-
quisti todo o corpo, molestias
más atribuídas à grande varie-
dade de excesso esse costume comer
durante as minhas constantes vi-
agens pelos rios do Amazonas, co-
mo eram: Jacaré, Onça verme-
lha, Gato, Maracá, Tamanduá,
Maracós diversos, Capivara, Aves,
Peixes de couro e outros que se-
ria infinito mencionar; inclusive
conservava de várias qualidades— Re-
corri ao poderoso preparado Elixir
de Nogueira, formula do saude-
so clínico João da Silva Silveira
e com o uso apenas de cinco dias
augmentado o meu peso mais otio-
e alegre pelo resultado obtido, conti-
nua e viajante pelo rios do Amazonas
nada mais sentindo— Venho poria
tornar público e registrar mais este
elixir de Nogueira Poderão fazer
D. V. S. S. Amo Alto, Oro.

A black and white portrait of a man with dark hair and a well-groomed mustache. He is looking slightly to his left. The image has a grainy texture and appears to be from an old photograph.

M. J. MASCARENHAS

Sociedade Propagandista Antrenha, Comissário
Comercial, Agente de Companhias
de Seguros, Cartas Bucareli, Revistas etc etc.
os fiquei radicalmente curado, tendo
vivo. Hoje me sinto forte, satisfazendo
minha vida de propagandista,
fazendo uso das mesmas comidas
e, a bem da humanidade sofredor.
importante caso de cui a com o BIB
da presente o uso que lhes aprovar.
John Macarthur

O ELIXIR DE NOGUEIRA — Vende-se em todo o Brasil e Repúblicas Sul-Americanas. (2)

SYPHILIS!!!

ABORTOS! CHAGAS! INVALIDEZ!
RHEUMATISMO! ECZEMAS!

UM HORROR!!!

A Syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destroza as Gengivas, faz os filhos Degenerados e Paralíticos. Produz Placas, Queda do cabelo e das unhas, faz as peleiras Repugnantes! Ataca a Cereja, a Raça, a Figado, as Vias, a Boca, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgares dos ouvidos. Eczemas, Erupções da pele. Feridas no corpo inteiro, a Cegueira, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Elimina a Syphilis de casa porque não havendo Saneia não ha Alegria.

ELIXIR 914! O melhor Depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Dáca.

ATTENTION:

H' é unico Depurativo que tem allenadas das Mopitalas, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 4 vidros de ELIXIR 914. É a mais barata de todas as depurativas porque faz efeito desde a 1.ª vidra.



JA EXISTE
ELIXIR 914

LEIAM MAIS!....

O ELIXIR 914

não é só um grande Depurativo contra a Syphilis, porque contém Hemoperfusyl e qual destrói os microblos de sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua ação bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, cicça e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem iodureto, sendo insolensiva as cracas.

O que o doente sente com o uso do **ELIXIR 914**:

Aspereza regularidade em intestinos, melhoreando as que sofrem de prisão de ventre. Desaparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente de Rheumatismo e afecções dos Olhos; finalmente a saúde em pouco tempo.

Não deixe para amanhã, comece hoje mesmo a tomar o ELIXIR 914.

Vende-se em todo o Brasil e nas Repúblicas do Prata.

NOTA: — Enviamos um livrinho científico sobre a syphilis e doenças do sangue, GRATIS, a toda a pessoa que o desejar. Pedidas a Caixa 24 — São Paulo.

App. pelo D. N. S. P., sob n. 26, em 21 de fevereiro de 1916.

maneira por que se olha a Vida é diversa da de outr' ora. A philosophia, portanto, se renova. O pensamento toma um novo rumo. Tudo isso passa, com raras exceções, despercebido, desinteressante. Não há curiosidade, repito. Isso não quer dizer que não haja muito formoso espírito. Não. Mas é a verdade — ressentem-se de sérios estudos. São brilhantes sem lapidação, perdidos ainda. A mão do artista não os preparou para a vitrine das joalherias.

— E a que atribui o collega essa falta de cultura?

— É um assumpto muito complexo. No meu modo de ver, são varias as causas. A principal, talvez a mais forte, é o facto de ser o brasileiro povo muito jovem e, portanto, seu ter chegado ao estado evolutivo que o faça enamorado das altas abstracções. Eis porque não se sente atraido para os grandes raciocínios. Outra causa é o meio phisico. O Nordeste é rico em homens fortes, que lutam por adaptar-se a uma natureza inclemente. Economicamente falando, é pobre. E o factor económico muito mais cruel, incomparavelmente mais cruel que aquela no Sul. Se aqui a concorrência humana é maior, no Nordeste, o phe-
nomeno muda de aspecto: a natureza é uma grande concorrente. Isto, portanto, é uma diversidade de razões que leva a uma desequilibrada e desfavorável ao homem. Casando-se a essa predisposição individual e ao antagonismo do meio, encontramos um sistema de ensino muito imperfeito. Deficientíssimo. Justifica é dizer-se que esse assumpto, hoje, tomou um novo aspecto. A instrução é olhada com mais carinho. Essa melhoria só aprofunda, porém, aos que agora se iniciam.

O ambiente é antagónico a quem deseja estudar, distorciona. Logo cedo o homem tem necessidade de trabalhar para manter-se. E, mais, a família nordestina, animada de um espírito estreitamente economico, aspirava muito espírito moço, ansioso por subir. Estudava-se assim, incomprehendido, guerreado pelos entes maiores, muitos formosos talentos. Felizmente, há compensações.

de real merecimento. Não me furtarei a mencionar o nome de alguns jovens escriptores. Jovens, uns pela idade, outros porque data de pouco a sua apresentação em publico. Em Pernambuco, vemos um Gilberto Freyre, surgido pelas colunas do «Diário» e hoje a figura de maior relevo no scenario jornalistico. Universitario na America do Norte, de onde saiu «Master of arts», continuou os seus estudos viajando pela Europa.

Com uma forma muito individual, a prosa do Sr. Gilberto é graciosa, movimentada. É uma prosa moderna, original. Dotado de um espírito critico muito agudo, percebe-se que o ambiente lhe é estreito. Assim, incomprehendido, vinga-se cobrindo de ridículo velhas e accacias instituições, fraques empoeirados e calvas luxuriantes. Tal atitude escandaliza o meio provinciano e, por isto, lhe chamam mocinho com fumaças de cultura. O Sr. Menezes Coutinho, uma espécie de continuidade armónica, é fruto, por uma ironia do destino, um commerciante de azucar. E como não deve escandalizar aos barrigudos senhores de engenho os seus respeitáveis vizinhos o bello retrato da Venus de Milo que está sobre sua carteira, no escriptorio commercial entre dois colecccionadores: «contas a pagar» e «contas a receber». Romancista é um bom «conteur» é o Sr. Lucílio Varejão. «Destino de Escolástica» é um bom romance. «Adão» ultimo livro de contos, onde existem trabalhos de muito mérito. O Sr. Lucílio é pessoal e forte na sua prosa. Modesto, e de uma modéstia que não se explica, elle, que é redactor d'«A Notícia», dedica-se ao teatro e algumas de suas peças já foram levadas à cena com real sucesso. Moço ainda poderá voar mais alto, porque tem talento. Temos o Sr. Mario Sette. Deste não preciso falar porque, dos pernambucanos que actualmente fazem letras, o Sr. Mario Sette é o mais lido. «Senhora de Engenho», «A filha de D. Rio».

lhos que o põem em relação entre os nossos romancistas. O Sr. Sylvio Rabello é um nome pouco conhecido. Dá-se pouco sua apresentação ao público. Sylvio é prosaico. Com uma sensibilidade crítica muito apurada, é uma organização intelectual que não pode continuar na província. O nome do Sr. Oerio Barba não pode ser esquecido. Pamphiliano brilhante, é merecer quando analisa individualidades em facetas. É engraçado e inconfundível. O Sr. Oerio, que em breve estará nessa metrópole, encontrará aqui, por certo, campo mais amplo, onde seu espírito será melhor apreciado. Fica do Estado, há algum tempo, se acha na Alemanha o Sr. Rodolfo Coimbra Sociólogo e com uma vasta cultura, o Sr. Rodolfo foi, até hoje, talvez, o único brasileiro que se dirigiu à Europa para estudar de perto o fenômeno social da Revolução Russa. Há, ainda, o nome do Sr. José Cardeiro, que muito embora não se tenha revelado ao público, é, **no campo, o mais bem orientado critico filosófico dos nossos dias.**

Em Alagoas destaca-se o nome dos Hrs. Zayme e Alencastro e Jorge Lima. Um, o primeiro, bom talento é jornalista e um dos bons poetas do Nordeste; o outro, Jorge Lima, bom escultor, tendo, além de outros muitos merecos, um espírito seguro para a crítica musical. Na Paraíba — José Américo, Antônio Nogueira e Sampaio Fimíndos Sampaio, José Américo, todo sido encarregado pelo governo de estudar os magnos problemas de sua terra, publicou, tempos depois, um livro que, valem ter uma hora para o autor, é um dos bons trabalhos que a Paraíba apresenta. O Sr. Antônio Navarro, bispo pensoso e pacífico, e Sampaio Crisóstomo Sobral, poeta, que muito tem feito com a «Era Nova» — uma das melhores revistas do Nordeste — pelo desenvolvimento intelectual do seu Estado. Um bispo clérigo do Maranhão — figuras de Camilo Castelo — figura ainda, mas com uma regular cultura, apimentada por um formoso tacito, e Ferreira de Souza, jornalista e conselheiro político do Estado.

PHARMACIA CONFIANÇA

DE
TERTULINO C. DA MATTIA

AVIA RECEITAS POR PREÇO
MODICO E COM A MAIOR PRESTEZA

123, Rua Barão da Passagem, 123.
Paraíba do Norte — BRASIL

CASA POPULAR
de L. DONIZETTI & Comp.

Completo surtimento em tecidos, malhas, per-
fumaria, roupas, etc. — Expositórios em charolas
de prata, últimas novidades, gravatas, malhas, pha-
tas, cravatos, morros e outros artigos para ho-
mens, samboras e crianças. Preços reduzidos.

Matriz: Rua Dom Joaquim Soárez, 287.
Filial: Rua da República n.º 654 e 465.

PARAHYBA DO NORTE

E quanto ao movimento «modernista»?

Há, em Pernambuco, um pallido esboço. Dois nomes se destacam: Joaquim Inojosa e Austro Costa. Este, porque antes de ser «futurista» já era poeta apreciado por um público geralmente feminino. «Mulheres e Rosas», faz com que o mesmo faça olhar com sympathia pela crítica, porque havia nela verdadeiras obras primas de lyismo. O outro, o Sr. Inojosa, porque depois de uma viagem que fizera a São Paulo, na qual estivera em contacto com os «clássicos», voltou a Pernambuco e fez-se arauto do movimento paulista. Foi, portanto, o precursor da arte nova. Foi um esforço que publicou uma «plaquette» sobre «Arte moderna», que foi muito combatida pelos «passadistas». Oscar Brandão e João Barreto, dois tribunos populares,

— Ma bolas revistas de arte em Pernambuco?

Pernambuco não é terra para revistas sérias. Não faltando de «Revista de Pernambuco», que, não tendo leição puramente literária, está sob a direção do professor Dr. Loretto Filho e tem entre outros redactores o Dr. Góes Filho, poeta, que se encontra nesta capital, na qual publicará o seu «livro-estória», a única que se destaca é a «Revista do Norte». José Maria Carneiro de Albuquerque Melo, seu director-proprietário, é um trabalhador incansável. «Revista do Norte» é, desde a composição até a impressão, produto do esforço de José Maria. Foi ele que, dispondo de modestíssimos recursos, montou, sózinho, em um pequeno quarto, um arremedo de typographia. E ele que compõe, revisa e imprime a propria revista. E mais: conhecedor da arte photographica e da zincogravura como quem melhor a conheça, José Maria faz os «clichés» com que a ilustra. Tem uma colaboração escolhida de escritores e dos melhores desenhistas de Recife. Sómente os que conhecem José Maria de perto, sabem o grande esforço que emprega para dar à terra que ele tanto ama uma revista bella.

Lá fôr os garotos apregoavam os vespertinos. Bastava...

Queréis possuir um regulador de precisão?

Ide e vereis — «Joalheria Mororó»

FÁBRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

Especialistas das afamaçissimas
marcas de cigarros:

Deliciosos, Populares, Epitácio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Simeão Leal,
18, Isis, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Finas, Morenos, Paixão, Co-
tia, Hilda, Commercial, 5 de Agosto, Globo, Vencedores, Cenior, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitas, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabucco, Progresso, Buquês, Ambreados, Cigarrilhos Bahianos, Electra, Brazil Club, Mariette, Va-
nuelo Neiva, Albertina, Chumbados, Roque, Venturoso, Mimosa, Victoriosos, High Life, Daniel, De-
liados, Estrela, Orion, Circulars, Mascotte, Fidalgos, Santo Antonio, Dois Amigos, Som Rival, e outras
innúmeras marcas. — Fabricados com fumo de primeira qualidade.

Mantém sempre grande stock dos charutos Dannemann e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS, 340 OPERARIOS.

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

Cozinheira moderna

Bom dia, minha senhora. Li o anuncio de hoje e ofereço-me para sua empregada. A que horas quer a senhora o serviço?

— Almoço às onze, jantar às dezoito horas . . .

— Está muito bem.

— Nos domingos o jantar é ao meio dia . . .

— Sim, servir.

— Às quintas, recebemos alguns amigos de intimidade, e oferecemos mate com torradas; às quintas, pois, preciso de você à noite . . .

— Às quintas? Ora, logo às quintas! A senhora bem poderia transferir essas reuniões para outro dia. Às quintas, exatamente, tenho de comparecer às reuniões da associação «Resistência das Empregadas em Ceilândia, Cope e Anexas». Não posso faltar a essas reuniões.

— Porque? São de grande importância?

— De certo. Ali discutem os meus de trez.

— Mas resistir a que? a quem?

— Resistir às explorações que nos fazem alguns patrões, principalmente às exigências e aos calotes. Já vi a senhora que é um dever que cumpro, defendendo os interesses da classe . . .

— É justo. Falarei a meu marido e mandaremos as nossas reuniões para sábados . . .

— Ah! não, minha senhora, o sábado não é muito apropriado . . . Estou acostumada a ir ao cinema, aos sábados. Em outro dia ficará melhor, às quartas, por exemplo.

— Pois sim; passaremos a receber às quartas.

— A senhora, por certo, tem piano, e costeia poder servir-me dele, porque estou aprendendo. E desejo de meu novo que saiba tocar piano. Então me exercito todos os dias, das treze às quinze horas e recebo lições duas vezes por semana. A senhora cede o piano de boa vontade, não é?

— Mas . . . estudar piano, todos os dias . . .

— Pois bem, não deixo atrazar o serviço, não senhora. Estudo todos os dias, para aprender depressa. É um capricho do meu novo . . .

— Bem, você poderá servir-se do piano . . .

— E como meu novo me visita de vez em quando, também lhe comunico que desejo a liberdade de me servir do «toilette». Seria muito desagradável receber o novo, sem estar devidamente preparada; não acha, minha senhora?

— Oh, de certo . . .

— Ele me avisa pelo telephone, quando vem, de modo que me preparam e não há inconveniente algum. O meu novo é bombeiro. Preferei um bombeiro, sómente pelo contraste . . .

— Que contraste?

— Eu trabalho no fogo, isto é, a fazer fogos debaixo das panelas; ele trabalha à agua . . . a apagar o fogo . . . Ah! ah! ah!

— Realmente, é engraçado . . .

— A senhora gostará do meu serviço . . . e seu marido também. Sei fazer pratos muito variados. Um patrão já me disse que sou perfeita nos pratos genérico franco-brasileiro . . .

— Está muito bem.

— Como aprecio os doces, sei fazer bolas sobremessas, desde que não haja sovinça na despensa, porque, minha senhora, os patrões exigentes e incompreensíveis; querem a comida gostosa, apreciam uma panqueca doce, uma omeleta bem feita; mas apetem no açucar e na manteiga . . . Ora, não é possível!

— Tem toda a razão. Mas, quanto quer ganhar?

— Não sou ambiciosa, minha cara senhora. Ontenta mil réis por mês, e uma gratificação mensal. Fazenda para os avenidas . . .

— Ontenta mil réis e gratificação?

— Sim, senhora; gratificação mensal, conforme a generosidade dos patrões.

— Mas . . .

— Sou empregada fiel e pontual . . . Gosto de andar sempre de roupa limpa. Olá, a minha costura é muito habil. Vê este vestido? Creio que é de corte perfeito e do último figurino . . .

— Não fa de dvida. É bonito e de bom gosto.

— Almás mais, minha estimável senhora, tenho um gênio franco, mas muito maleável . . . Nem me incomodo com as imperficiências dos patrões, quando elas são imperficiências . . . Mas, com a senhora, já estou conhecendo, nem preciso disso . . . F' muito distinta, muito agradável . . . Havemos de combinar bem.

— Pois não! Está combinado.

— Posso, então, vir para seu serviço?

— Pôde.

— Vou amanhã, sem falta e a senhora, minha cara patrícia, não terá motivos de queixa. Ah! não se esqueça de mandar alinhar o piano, sim, minha patrícia? Já estou muito

adeantada nos exercícios . . . A senhora verá! Então . . .

— Até amanhã.

— Au revoir, minha senhora!

LEGITIMOS

Bandolins Napolitanos

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

— DE —

VICENTE RATTACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro, N. 163.

SOUZA CAMPOS & C. Ltda.

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS

SECÇÃO DE VENDAS A VAREJO, A PREÇOS SEM COMPETÊNCIA.

ARTIGOS DE ARTE

E USO DOMESTICO DE

PRIMEIRA ESCOLHA

End. — SOUCAM

TELEPHONE N.

RUA MACIEL PINHEIRO

PARAHYBA

LLOYD INDUSTRIAL

SUL-AMERICANO

S. A. de Seguros Geraes

CAPITAL
3.000:000\$000

AGENTE:

Geraldo von Söhsten Junior

End. Teleg. "INLOD"
Caixa Postal 580

Séde A. Rio Branco, 47

Rio de Janeiro

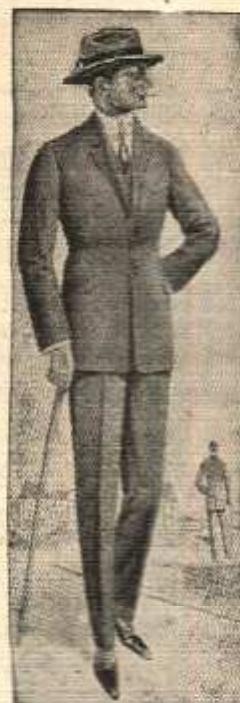
KOLA
WERNECK A NOSSA SAUDE
ESTÁ AQUI



KOLA-PHOSPHATADA WERNECK

O mais poderoso TONICO
empregado contra as moles-
tias ou excessos que produ-
zem exgottamento nervoso.

RAINHA DA MODA



SECÇÃO D'ALFAIATARIA

ESPLENDIDO SORTIMENTO

— DE —
CASEMIRAS INGLEZAS,
BRINS DE LINHO E
FINISSIMAS ALPACAS.

Cortador italiano
diplomado e premiado
com MEDALHA DE
OURO pela Academia
de Corte de Turim.

CASA DE CONFIANÇA

PREÇOS MODICOS

Rua Maciel Pinheiro n. 206

Avelino Cunha & C.

ERAMOSA

Parahyba, 1.^a de Junho de 1925.

Anno V — Número LXXX



Sobre um artigo do sr. Viatte

Escreveu o sr. Viatte, para a «Revista dos Jovens» de Paris, interessantes notas a propósito do Brasil. O curioso é que o sr. Viatte, apesar de francês, conheça a nossa historia, e através de boas fontes. E' esplícito, é quasi um exotismo, como daquelle sábio alemão, amigo do sr. Gilberto Freyre, que está quasi a publicar dois volumes de interpretação ao nosso captivador. Aliás o sr. Golberg é o autor do que mais conscientemente se tem escrito sobre nossa historia literária; com que ha de ter criado fama, para muita gente, de bom compositor de ficção. Porque para muitos de seus leitores toda a sua historia não parece mais que recursos de imaginação de quem quer fixar com algum pitoresco sugestões de leituras. Como o sr. Golberg, o sr. Viatte está a par do que ha de idéas pelo Brasil, o que não deixa de ser uma quasi faculdade de microscópio, pelo pouco que se agita entre nós em coisas dessa natureza. Dahi, de vez em quando, exagerar o que vêm. Refere-se, em suas notas, o crítico da revista francesa ao movimento de reacção por que vão passando os nossos meios de cultura. Reacção de ordem social e philosophica para o sr. Viatte. E fixa com D. Vicital e Farias Britto no tocante à egreja e á philosophia o começo dessa reacção. Digo Vicital creou no Brasil o deus da liberdade, que era ainda a sua história não nascere mais esse deus da imoral.

Delle se pôde dizer que fôra o pae de nossa «contrarrevolução», se se pudesse chamar «contra-revolução» ao seu espanto em ver a egreja de que havia sido escolhido principe fôra de seu unico destino, que era e é o de ser em absoluto catholica apostolica romana. O sr. Viatte está a par do que fez e soffreu esse maravilhoso homem de acção. Pôde-se chamar a D. Vicital o Feijó da nossa consolidação catholica. O que elle com vinte e poucos annos viéra encontrar em Pernambuco era o que se via a olhos nus em todo o Brasil: A egreja de Nosso Senhor nas mãos da «maçonaria», amollecida por uma falta de escrupulos sacerdotaes, com padres que se limitavam a receber ordens das confrarias, como se fossem criados de servir. E as egrejas quasi dependencias das «lojas». Era um ambiente de chocar a mais vulgar sensibilidade catholica, quanto mais a delle, que era das mais angelicas e agudas. O curioso em tudo isto é que fôra um quasi agente da «maçonaria» nessa questão dos bispos um gabinete conservador. E Zacarias de Góes, sem ser chamado por ninguém, com aquella sua severa cara raspada de mestre de theologia, corria a defender o bispo de Olinda perante os juizes do sr. D. Pedro II. (D. Vicital tivera o bom gosto de não abrir a bôcca diante os seus

Viatte: «condemnado a quatro annos de prisão, depois amnistado, atravessa o mar e morre aos trinta e quatro annos, talvez envenenado, vítima seguramente de suas luctas e das suas fadigas».

E é a Farias Britto como agitador de idéias que o critico francês dá «graças pelo progresso das idéias christães no Brasil». Eu diria: pela defesa indirecta das idéias christães no Brasil. Do philosopho Farias Britto que não foi um philosopho no grande sentido, pôde-se dizer que fôra um olho muito aberto numa terra de cegos. Olho que muito se escancarou, e que desgraçadamente não chegou a ver a Egreja Catholica. Deixou, porém, Farias Britto entre os que com elle viveram, aquella ancia de crer que traria um dia o seu mais sincero amigo, o sr. Jackson de Figueiredo a uma mesa de communhão. Faltou ao pensador cearense aquillo que o sr. Paul Bourget chama «o sentido agudo do gosto». Foi elle toda a vida um máo escriptor (no sentido do bom gosto literario) sem mesmo a ruidosa vivacidade de espirito de Tobias Barreto. Faltou-lhe todo o vigor do colorido; era sécco, ás vezes enfadonho, sem aquella intensa melodia de estylo que vai tão bem com as grandes idéias, dum tão penetrante sabôr no seu mestre Schopenhauer. Não parece ter tido uma vida interior tão agitada. E' da geração saída de Farias Britto que o sr. Viatte faz a critica. Acha elle que a essa gente um dia daremos graças pela nossa reintegração social no que devemos ser.

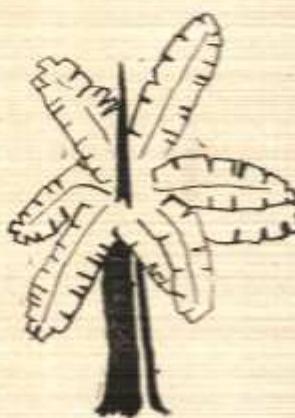
E' ahi que se refere ao sr. Jackson de Figueiredo.

Refere-se ao sr. Jackson para exaltar o nacionalismo e as idéias postas em acção pelo sr. Jackson. Esse nacionalismo o sr. Viatte toma como um alto programma de assistencia social e preparação política. E repete essa afirmação de megalomania patriótica: a de termos já uma mystica e uma philosophia nacional, quando nos faltam ainda os mysticos e os philosophos. O sr. Viatte leva a serio que todas as nossas desgraças vêm de Portugal, e nos fala numa libertação pelos modelos franceses: «Para melhor abolir a servidão portuguesa é sobretudo na França que procuram modelos». Aliás, essa nossa fome de modelos já nos arrastou por mais dura vez do ridículo.

A nossa historia literaria e politica tem sido uma exhibição de figurinos em pessimas traduções. Ahi está o sr. Graça Aranha, como um documento em carne e osso. E as nossas enfatuadas repúblicas de «maçons» e positivistas. Quiz, talvez, o sr. Viatte referir-se à orientação tradicionalista que certos pensadores franceses introduziram entre nós. Orientação que nos vem com muito mais ponto de contacto connosco de Portugal com Antonio Sardinha e com o sr. Fide-

lino de Figueiredo. Isto de querer «abrir servidão portuguesa» é mais uma cavilação que qualquer outra coisa. O que ha é uma influencia muito facil de explicar-se. Não seria em nada prejudicial a esses srs. nacionalistas do Rio de Janeiro, uma cuidadosa leitura ao programma do «Centro Regionalista do Nordéste» onde se cogita, sobretudo, dum nacionalismo de bom gosto como já fôra aquelle de Eduardo Prado. O sr. Jackson de Figueiredo, a quem muito preocupa os portugueses, tem por outro lado, realizado, isoladamente, um movimento de ação social de assombrar. Mas o sr. Jackson está só. Tudo mais que o cerca é duma mediocridade de fazer vergonha. Do sr. Alcebiades Delamare, já me disséra um amigo, nunca ter visto tão bom especímen de orador de loja maçônica. E no sr. Durval de Moraes é de provocar choro a pobreza de seus versos. E' nesse ponto bem franciscana a sua lyra. O proprio D. Sebastião Leme, a quem não se pôde perdoar o palacio que mandou levantar para o Arcebispado no Fecife com um detestável máo gosto de «nouveau-rich», se deixa levar por um certo amor ao discurso. Entretanto, é a unica figura capaz da grande obra que já vai sendo por elle esboçada: conquistar para o clero uma posição efficiente em nossa vida politica e social.

O sr. Viatte também attribue ao sr. Jackson de Figueiredo o exercicio da bôa critica literaria. E nos fala numa influencia de Mauryras, Bourget e Lasserre. E' justamente o que não se desenvolveu no joven director da «Ordem». A critica para o sr. Jackson tem sido antes de tudo um derrame de coração para os amigos ou um meio de divulgação de suas leituras. De bôa intolerancia em politica, nunca vi tão ruim tolerancia em assumptos de critica. Sobretudo porque lhe falta gosto, embora o anime uma porção de optimas idéias. O meu amigo Olivio Montenegro chegou a compôr-lhe um perfil que é uma fina interpretação de sua obra. E' uma these que queria desenvolver, a de falta de senso estheticó na geração vinda de Farias Britto. Parece que está ella pagando a ignorancia em que viveu o mestre, em culturas onde tanto se aguçaram a intelligencia e o gosto. Em Farias Britto, diz o padre Leonel Franca, «os seus conhecimentos da philosophia grega, e mais ainda da philosophia medieval são muito deficientes, por não dizer nulos». E' o que se nota nessa geração por quem o sr. Jackson criou responsabilidades. E' uma geração onde o gosto da introspecção não existe, e que chegou á egreja sem querer comprehender que ha na egreja mais alguma coisa que conforto moral. Dahi ser Henry Massis preferido a Huysmans. Aliás, o sr. Perylo Gomes, que é dos melhores, contraria o proprio S. Thomaz na delicada controvérsia entre ethica e estheticá. Elle é dos que preferem «o copo dagua pura ao pantano pullulante de vida».



José Lins

do Rego



DO ARCO DO TRIUMPHO Á TORRE EIFFEL

(Especial para a *Era Nova*)

Esob o Arco do Triunfo que está o tumulo do Soldado Desconhecido.

Os que, morrendo, deixaram pelo menos o nome, quando não a Glória a celebrá-los, tem-no nas listas que enchem as grandes lapides apontadas às paredes das igrejas, ou têm-no gravado na cruz tosca que, entre tantas outras, está plantada nos Campos Santos.

O combatente que se acha nesta sepultura, ninguém sabe como se chamou. Na lousa estendida ao vez do chão, só se apenas: «Aqui repousa um soldado desconhecido morto em defesa da França». É o símbolo de um avultado número de companheiros desaparecidos em igual anônimo, na defesa da França, da Belgica, da América, dos demais aliados, e também na defesa da Alemanha e dos outros impérios vencidos.

Um segredo perpétuo dorme dentro daquela cava-dade sobre a qual passam, dia e noite, curiosos insatisfeitos e almas indiferentes. A um lado, curiosos; a outro, uma placa em que está inscrita a homenagem dos voluntários estrangeiros.

Transcuentes param, silenciosos, chapéu à mão. Sem horas olham fixamente as letras funerárias.

Entre a placa e a lousa, sim, de uma bôcca de bronze, que se abre como a corolla de uma flor negra, uma língua de fogo, — a fiamma eterna da saudade por aquele que ninguém

conhece, mas de quem se sabe ter dado a vida para os outros viverem.

Afasto-me. A praça da Estrela está vestida de uma gaza em que um sol tenue põe uns tons róseos de carne jovem.

Volvo o olhar para a sepultura misteriosa. A língua de chamma lambe o bronze como um fogo-fatuco.

* * *

Fosse eu percorrer todos os museus de Paris e não me sobraria tempo para outra coisa. Tantas perguntas, porém, me eram feitas a propósito — se já tóra ao do Luxemburgo, ao de Cluny, ao Grévin — perguntas seguidas de espantações ante a minha negativa, que eu resolvi ir a um e dizer que estivera em todos.

Fui ao do Louvre, isto é, andei em alguns dos salões do Louvre, e nesses mesmos, tal a quantidade de telas, de esculturas, de antiguidades, pouco pude ver bem visto durante as três horas.

Antes de entrar, ia pensando que raras pessoas nesta vasta *urbs*, não conheciam ainda o grande repositório da arte mundial. Admirei-me, portanto, com a avalanche humana que se espalhava, em meio à qual cidadãos e cidadãs, de lapis em punho, copiavam quadros famosos. Mas, não era essa a primeira vez que eu tinha suposições ineptas e admirações desarrumadas. Para actuar naturalíssima aquela

achente, bastava recordar que, todos os dias, os trens despe-
m nesta cidade milhares de visitantes, sendo de salientar
que somente de norte-ame-
ricanos, ricos todos elles, por certo, saltaram, no anno findo,
20 mil, sem citar os quebrados.

Misturei-me aos grupos que contemplavam preciosidades, e desse passeio, ficaram-me, mais vivas, três recordações, que quasi toda gente as conserva.

Encontrei-me com a *Gioconda*, illuminada pelo meio-sorriso que há fornecido thema a tantos historiadores, a tantos poetas, a tantas chronistas, desde Vasari até eu; o meio-sorriso pelo qual já a têm raptado diversos cavalheiros, uns para o fruirem sósinhos, outros para o venderem ao colecionador da esquina; o meio-sorriso que ella agora dá a quem quer que a contemple e talvez não tivesse dado ao proprio artista ansioso por vê-lo uma vez mais.

Dei com a *Venus de Milo* e achei-a maravilhosa, mesmo sem o braço; nem poderia deixar de achal-a, pois a sua maravilha é tradicional. E vi depois a *Victoria de Samothracia*, mais desditsa que aquella, por quanto o que lhe falta é a cabeça; prodigiosa, porém, no seu *robe transparente*, na alma que dá ao corpo decepado a sensação de que vai voar e que ha, sobre ella, um rosto de magestade e de triumpho.

Se o leitor possue a paciencia de querer minucias sobre essas e todas as outras obras que se encontram na sala Duchatel, no salão Carré, na Galeria de Sete Metros e nas muitas e restantes salas, salões e galerias, adquira o *Guide de l'Arte*, de Louis Hourticq.

E, se é escriptor, pôde mesmo utilizar-se, literalmente e sem aspas, de varias das descripções. Não poderá ficar sur-

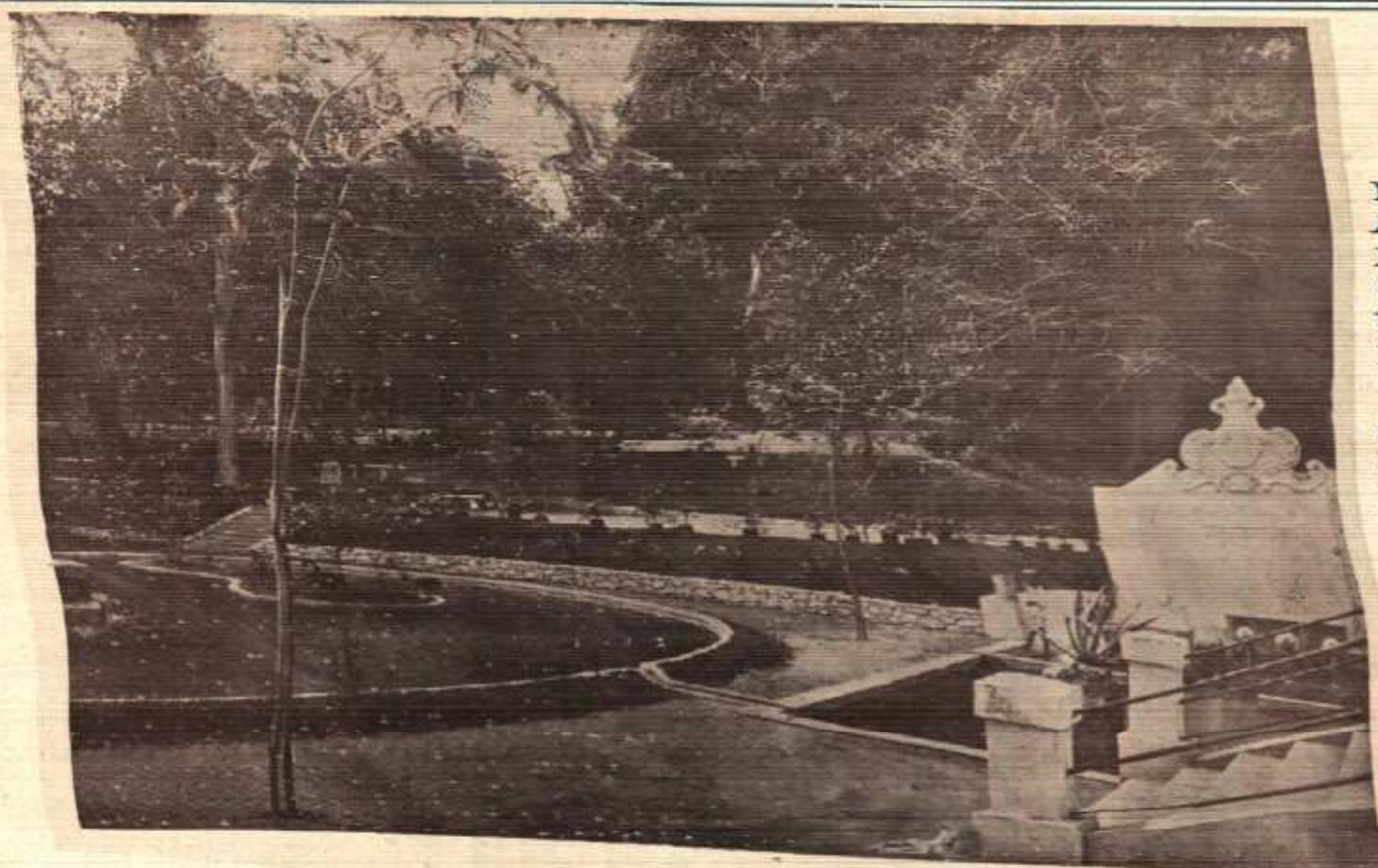
preso o sr. Hourticq, pois, segundo Jules Latreille em artigo recente no «Mercure de France», fei buscar em Louis Gillet paginas diversas para a sua *Histoire Générale de l'Art*. No trabalho de Latreille, intitulado *Os emprestimos e as reminiscencias* (o grypho não é nosso) de um historiador das artes, são confrontados successivos trechos em que ha uma absoluta semelhança.

**

Eis ahí uma gréve das mais interessantes. E' a dos *boulistes*, a dos *pequenos telegraphistas*.

Cerca de dois mil meninos que distribuem despachos e desempenham outros mestéres nas repartições telegraphicas decidiram-se, com uma notável precocidade, a decretar a paréde da classe. E não penseis que esses grevistas de calças curtas, muitos delles com 13 annos apenas, se tenham limitado a cruzar os braços. Não: convocaram reuniões e, na rua de la Grange-aux-Belles, ouvem-se oradores que embora a edade, falam grosso e já se mostram senhores das palavras solennes: «nosso direitos concilcados», «as sagradas reivindicações».

Os communistas aproveitam a oportunidade e instigam a petizada. Na Camara, o sr. Piquemal, um dos 26 que representam o partido, interpella o governo, levando o sr. Herriot a declarar que «não accettará discutir com os pequenos telegraphistas que, à instigação de propagandistas que não recuam deante do recrutamento de creanças, têm injuriado o sub-secretario dos P. T. T.», e a concluir: «Que elles retomem seu trabalho na ordem e quando tiverem seguido este conselho de bom senso e de razão que eu lhes dou, estuda-



PARQUE ARRUDA



POLICLINICA INFANTIL

temos — como já o fazímos — o meio de lhes dar satisfação, na medida que a lei nos permitta.

Essas palavras não são, por certo, animadoras para os paroquianos, em cujas fileiras se verificam, além disto, claros bem sensíveis, alertas pelos rebeldes que os pais vão buscar pelas orelhas ...

Está escrito, porém, que os mesmos não deixarão o sr. Herriot descansar, fazendo-o mesmo pensar da phlebite que lhe ataca uma das pernas.

Com a greve dos pequenos telegraphistas, vêm a dos alunos primários, na Alsacia. É o protesto contra a escola inter-confessional.

A creançada não vai às ruas, preferindo empinar papagaios e brincar com as bolhas de neve. Ao inverno do que ocorreu aos petizes desta capital, os pais estimulam o movimento.

E eis aí um caso em que os paroquianos, a maioria provavelmente, não darão cavaco em que se perpetue a situação, torcendo mesmo para que não se salte ...

O taxi em que vou, 1 hora da madrugada, pelos grandes boulevards, é de repente assediado por estridentes de buzinas, numa atordoadora multisonaria.

Carros em disparada sucedem-se, sem atender ao sentido da esquerda e da direita, — todos numa só direção, a toda largura da ampla arteria, muitos de capota aberta, com indivíduos de pé, sentados, em diferentes posições.

— Que há?

O meu chauffeur não o sabe. Vamos na onda acidentalmente. A população nocturna, que se aseira das calçadas, ao invés de informar, indaga de mim, que salto nos Capucines.

E o desfile doido dos autos prossegue.

— São os condutores de taxi que fazem uma reunião.

demonstram o seu protesto quanto às medidas tomadas pelo prefeito contra os responsáveis por desastres.

As viaturas vêm agora de volta, para repetir a excentrica manifestação.

Seis policias de bicicleta põem-se, em linha, no centro do boulevard e dão o signal para que os manifestantes não avancem e, sim, tomem uma rua à direita.

Estampidos. São os chauffeurs que dão descarga na gazolina.

Transeuntes alarmam-se. Tiros?

Os policias não se perturbam. Continuam serenos na fragil barreira que a lei fortifica.

Em breve, tudo recade na normalidade.

Quantos autos, afinal, fizeram toda essa revolução? Uns oito autos, aproximadamente. Paris (mais uma vez a estatística me vê em socorro) possue nada menos de 76 mil.

Do cimo da torre Eiffel, 300 metros, a cidade estava deitada aos nossos olhos, imensamente deitada e, nos extremos, envolta em véus rasgados aqui e ali.

Ao pé, os jardins do Champ-de-Mars, à espera de um sol radiante, que estava a chegar, para florirem; o Trocadore, a fita do Sena. Depois, a praça da Concordia, o Sacré-Cœur, o Pantheon, cupolas, estyletes, toda a metropole somnolenta pela distancia e pelo ar pautado de neve que cedia.

Da altura, a cidade parecia espreguiçar-se. Pelas ruas, pelas avenidas, pelos largos, cortados como si a faca, admiravelmente symetricas, — milhares de autos arrastavam-se lentos, como escorpiões. Os homens moviam-se devagar, como se estivessem cansados, sob a acção de narcoticos.

Ninguém, de lá, advinharia, se não a conhecesse, a humanidade sóffrega, allucinada, impaciente, premida pela ansia de mais tempo, jogada por mil paixões e mil angustias diversas, que luctava em baixo.

Viajou para o interior do Estado o sr. presidente João Suassuna, que foi assistir à inauguração de melhoramentos públicos em Esperança e Taperoá.

Nesta última localidade foi inaugurada a ponte sobre o rio que banha aquela villa dos Cariry's. Os trabalhos dessa ponte foram terminados por iniciativa do presidente Suassuna e começados no governo Epitácio Pessoa, estando construída em cimento armado, com a extensão de 60 metros, com quatro vãos, sendo dois centrais

de 20 metros cada um e outros dois de 10 metros.

Essa inauguração teve lugar no dia 23 do mês de maio findo, data do aniversário do primeiro daquelas homens públicos como uma expressiva homenagem do governo da Paraíba ao benemerito conterraneo.

O presidente João Suassuna viajou em automóvel de linha, fazendo-se acompanhar de auxiliares do governo e dos diretores dos principais diários desta capital.

Lucilo Varejão

A Paraíba hospeda Lucilo Varejão, o fino esteta de tantas páginas admiráveis do «Destino de Escolástica» e do «De que morreu João Feital», o «conteur» impressionante da «Teia dos Desejos», o jornalista e crítico, senhor de um estilo vigoroso, o romancista mais querido do actual movimento literário recifense.

Lucilo Varejão, nosso confrade do brilhante vespertino «A Notícia» vem à Paraíba pela primeira vez, onde realizou uma interes-



GAVETA DE SAPATEIRO

Melias de seda

A ciencia medica principiou a hostilizar a meia de seda e, convém lembrar que, nas suas lutas, é a ciencia que então sempre a cançao da victoria. Declarou guerra ao espartilho; fez uma luta de muitos anos e por fim as mulheres não somente tiraram o espartilho como quasi tiravam tudo que lhes cobrem o tronco. Guerreou as saias compridas e estas recuaram medrosas, subiram perna acima ficando a cavaleiro dos joelhos.

A norte-America lançou o uso de meias de seda na rua e no lar; a moda pegou em todo o mundo.

O americano do norte, porém, descobriu que a meia de seda era causadora de certas doenças e assim aboliu-a ou restringiu-a o uso.

O resto do mundo elegante, com os olhos fitos em Paris, não teve coragem de imitar os yankees, mas agora, é da cidade Luz que nos chegam as notícias da declaração de guerra às meias de seda pelos médicos parisienses...

As hermas

Numa destas frias e chuvosas noites de maio, enquanto a cidade dormia, Aristides Lobo e Maciel Pinheiro, na rapidez de suas hermas chegaram até a praça Vidal de Negreiros. Conversaram largamente sobre os destinos da República Brasileira. Depois, disse Maciel Pinheiro:

— Então é aqui que se erguerá a estatua de Vidal de Negreiros?

— Um! respondeu Aristides, não creio; o nome de Vidal anda tão mole na terra!...

Bom estyo

O estrangeiro polido, cõga-nos sempre a vaidade, elogiando-nos a natureza, os recinados, enchemo-nos de orgulho, cumulamos o visitante de mil finezas e depois descansamos aguardando outros elogios.

Num dos meses deste anno passou no Rio de Janeiro o professor Nieto Caballero, incluido entre os melhores escritores da Colômbia, paiz que possue, talvez, a mais rica literatura da América do Sul. E o sr. Nieto Caballero, disse do Rio de Janeiro, num estyo que vale a pena conhecer, entre outras cousas: — «Y he de contario que mis ojos no se han cansado de mirar el Pan de Azucar en la hora que llevavamos de viage. Pan de Azucar es un assombro. A medida que el buque avanza, en medio de la noche sin luna pero lindamente estrellada, el cerro con sus luces en la cuesta va tomando las más fantásticas formas. Son formas no vistas; son formas que no pueden compararse a nada. Sin embargo, al passar frente de el, se me ha antojado

que su figura es humana. Semeja una mujer que llora bajo su diadema de diamantes...»

Semeja una mujer que llora bajo su diadema de diamantes... que mimosa e razoável comparação!...

Ao pé da letra

José Varandas de Carvalho, português, veio muito moço para esta capital. Aqui entregou-se ao commercio, constituiu família e aqui morreu gozando a melhor estima da nossa alta sociedade. Era um espírito inteligente, augusta, alegre que jamais levou a sério a vida. Conseguiu o suficiente para passar com os seus, estando seu bom humor sempre ao serviço de seus amigos.

Quando a nossa empresa ferroviária, a Conde d'Eu, inaugurou seu trasego, poe à disposição do público carros de 1.ª classe, de 2.ª e de 3.ª. Certo dia, um grande comerciante de nossa praça, indo tomar o trem, encontrou Varandas, também naquele tempo alto comerciante, placidamente sentado num carro de 3.ª classe. Tão escandalizado ficou que não se conteve e perguntou:

— Varandas!... você num wagon de 3.ª classe?!

— Que quer você, respondeu imperturbavelmente o Varandas, não há de quarta...

E o comerciante ligeiro não pôde reprimir boa gargalhada.

Mot de la fin

E' authenticó e de poucos dias o que vamos relatar.

Num dos nossos estabelecimentos de instrução secundaria, explicava um professor de História a transmigração das cortes portuguesas para o Brasil e querendo verificar se lôra comprehendido, fez varias perguntas a um alumno que se mostrou alheio a tudo. Por fim, perguntou ainda o professor:

— Qual foi o D. João, rei de Portugal, que veio ao Brasil?

O alumno reflectiu e respondeu convicto:

— Foi D. Pedro II!...

VITAL LINO

Club dos Diários — Com a fundação deste club conta a Paraíba mais um centro de elegância e distinção. Fundado pelas elites sociais do nosso mío o novel gremio recreativo tem as mais accentuadas possibilidades para vencer. A prova disto foi a sua primeira saída realizada hontem no salão de baixa da Escola Normal, onde por falta sinda de sua sede, o Club dos Diários reuniu a graca e a fina flor da sociedade patrícia.

sante conferencia *A alma incomprendida da Mulher*, patrocinada por um grupo de figuras representativas da nossa sociedade, no dia 25 do mês passado, no Theatro Santa Rosa. Sómente no proximo numero, devido as condições de antecedência com que entra a nossa revista para o prelo, daremos notícia minuciosa do que fol a conferencia do illustre escritor pernambucano.

Lucilo Varejão concedeu para «Era Nova» uma entrevista, que também publicaremos no proximo numero, sobre o movimento literário de Recife,

GUISOS

Já é o segundo pedido que milie faz àquele jovem jornalista e não tem solução satisfactoria.

Ele, que deseja obter a milie como um escravo, não pode por circunstancias alheias à sua vontade ser agradável à dona daquelas olhos candentes, que parece olharem sempre para a gente caninamente apaixonados.

Mile, que olha para el com indiferença, apenas como um conhecido do mesmo bairro, não acredita talvez na sinceridade do seu sentimento, de sua grande paixão ignorada...

<p>Dr. Sinval de Borba MÉDICO CONSULTÓRIO: Rua Barão do Triunfo, 271 RESIDÊNCIA: Praça, 1817 n.º 161</p>	<p>Dr. Mario Neves Coutinho MÉDICO RUA DUQUE DE CAXIAS, 504 — 1.º andar</p>	<p>DR. NEWTON LACERDA MÉDICO Laboratório Chímico Rua Duque de Caxias, 504</p>	<p>DR. MANUEL FLORENTINO MÉDICO CONSULTA NA PHARMACIA LONDRES RUA MACIEL PINHEIRO, 128.</p>
<p>DR. RENATO V. DE AZEVEDO MÉDICO Rua Duque de Caxias, 504 1.º andar. Consultas das 8 às 11 da manhã.</p>	<p>Dr. Alfredo Monteiro MÉDICO AVENIDA GENERAL OSORIO, 281.</p>	<p>Dr. Flodoardo da Silveira ADVOGADO Fua Maciel Pinheiro, 45.</p>	<p>Dr. Alceu Navarro MÉDICO PRAÇA COMMENDADOR FELIZARDO, 1.</p>
<p>Dr. Jayme Lima MÉDICO-PARTEIRO AVENIDA GENERAL OSORIO n.º 104 CONSULTÓRIO: Rua Maciel Pinheiro, 119</p>	<p>DR. ALVARO LEMOS CIRURGIÃO DENTISTA RUA DUQUE DE CAXIAS, 432.</p>	<p>Dr. Renato Lima ADVOGADO Praça 1817 — N.º 195</p>	<p>Dr. João Dantas Milanez ADVOGADO RUA DUQUE DE CAXIAS, 413.</p>
<p>Dr. Evidio Reinaldo Cirurgião Dentista Rua Duque de Caxias, 504 1.º andar</p>	<p>DR. FRANCISCO RAMALHO CIRURGIÃO DENTISTA 7 RUA GENERAL OSORIO 7</p>	<p>Dr. Antonio Sá ADVOGADO Rua Cardoso Vieira, 272.</p>	<p>Dr. Antonio Santos Coelho ADVOGADO RUA 19 DE MAIO, 81. MAXIMIANO A. MONTEIRO DA FRANCA Rua Duque de Caxias, 446 Tabelião Púlico, Escrivão de Orphãos e dos Feitos da Fazenda Estadoal</p>
<p>Dr. João Cancio Brayner TABELIÃO Rua Barão do Triunfo, 408.</p>	<p>Dr. Pedro Ulysses TABELIÃO Rua Duque de Caxias, 13.</p>	<p>Dr. Manoel Moraes TABELIÃO Rua Maciel Pinheiro, 85.</p>	<p>Dr. Irineu Joffily ADVOGADO Rua da Palmeira</p>
<p>Ignacio Evaristo TABELIÃO Rua Maciel Pinheiro (PALACETE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL)</p>	<p>ANDRADE LIMA AGENTE DE LEILÕES RUA BARÃO DO TRIUNFO, 102.</p>		

J. COËLHO & IRMÃO

PAPELARIA
TYPOGRAPHIA

Object's para escri-
ptorio

Rua Maciel Pinheiro, 218.

ADVOGADO

PAULO DE MAGALHÃES

Redacção d'A União

RELOJOARIA DALIA

OCULOS E PINCENEZ

B. VICENTE DALIA

RUA MACIEL PINHEIRO, 30.

**Mercearia
Maia**

Casa especi-
alista em
generos ali-
menticios
e bebidas de
de todas
as qualidades

Rua Maciel
Pinheiro, 55.

**FABRICA
DE
MOSAICO**

WALFREDO

G.
PEREIRA
SOBRINHO

PRAÇA 1817

ARTIGOS

DE
MODAS

ESPECIALIDADE
EM
CNAPEOS

P. Marinho

Rua Maciel
Pinheiro,
205.

ADVOGADO

Adhemar Vidal

Redacção d'A UNIÃO

PARAHYBA

Nelson Carreira

DENTISTA

Praça Aristides Lobo
84

PHARMACIA

SANTO

ANTONIO

PRAÇA PEDRO AMÉRICO, N.
ÓVIDIO LOPES DE MENDONÇA

Dra. Maria de Queiroz

CIRURGA DENTISTA

7 DE SETEMBRO, 183

TAMBIA'

Dr. OTTO BRITTO

ADVOGADO

DUQUE DE CAXIAS, 120

**OURIVES
GRAVADOR**

FLORIPES CAVAL. O

RUA BARÃO DO TRIUMPHO, 436.

DENTISTA

JANSON LIMA

Rua Barão
da Passagem

NOVA

CURSO DE DACTYLOGRAPHIA

Directora: **D. Rosita de Almeida Brandão**

Rua 7 de Setembro n. 171
(TAMBIA')

Seixas Maia

MEDICO

Rua Barão do Triumpho, 271.

PHARMACIA BRASIL

LONDRES & CIA.

PARAHYBA

Rua Maciel Pinheiro, 157.

MEDICO

OSCAR DE CASTRO

Pharmacia Londres
e
Assist. Publica

ADVOGADO

Agrippino Nobrega

RUA BARÃO DO TRIUMPHO, 408.

DENTISTA

LUIZ

Rua
Duque de
Caxias.
165.

MEDICO

ESPECIALISTA EM DO-
ENÇA DE OLHOS,
GARGANTA, NARIZ
E OUVIDOS.

Dr. Josa Magalhães

Rua Duque de Caxias 504

ADVOGADO

**José Americo
de Almeida**

Rua
Epitacio Pessôa

**ANTONIO
BOTTO**

ADVOGADO

Praça Aristides Lobo,

A C I D A D E



A torre da egreja da Conceição, antiga Matriz de Nossa Senhora das Neves, é uma das coisas pittorescas da Parahyba—Lembra Coimbra !
As suas esculturas em pedra contrastam com a simplicidade característica do Lyceu Parahybano. O Palácio do Governo, que esse fica á direita, também era assim . . . Hoje . . .



O ESTUDO DA CRENÇA

Outr'óra o melhor professor era o que sabia organizar e explanar os mais complexos programmas de ensino. Deante dos alunos, que o escutavam cheios de temor infundido pela disciplina escolar do tempo, mas se julgava elevado no exercicio de sua missão quanto maior erudição revelasse no transmitir os conhecimentos.

Mais tarde, reconheceu-se a necessidade da adopção de methodos e processos, que servissem às varias matérias de ensino, sem consideração à edade do educando.

Fundada sobre considerações puramente philosophicas, a escola era uma especie de leito de Procusto, um só molde para todos os organismos e intelligencias.

Desde 1880, os mentores do movimento educativo vêm abalando os velhos sistemas pedagogicos, e orientando a escola no sentido das necessidades physicas e psychicas do ser immaturo. Em nossos dias, a maior preocupação do professor é o conhecimento do sujeito da educação.

A creança não é mais considerada uma encantadora redução do adulto, como queria Malebranche. Do homem ella se distingue pela qualidade e quantidade dos elementos organicos e mentais. É um tipo especial, á parte na humanidade.

Mesmo entre si, os meninos se diferenciam, assim de corpo como de espirito, constituindo individualidades distintas. Intelectualmente se distribuem em grupos, e podemos até afirmar que se apresentam como outros tantos problemas, cujas soluções o preceptor deve procurar.

Antes do cultivo da intelligencia, deve o mestre examinar, cuidadosamente, as forças physicas dos seus discípulos, protegendo-as e estimulando-as, de acordo com os principios da hygiene infantil.

Para melhor surprehender e estudar a evolução dessas forças naturaes, realizará constantes mensurações pedologicas, que até permitirão conhecer o desenvolvimento do espirito; conforme provam os excellentes trabalhos de Binet, que introduziu nos estudos da intelligencia a idéa de fronteira anthropometrica.

Certo, para a determinação do valor mental, resultante da combinação do corpo com o espirito, faz-se mistér recorrer ao emprego simultaneo dos diversos processos de medida intelectual, porque só a analyse da actividade geral do individuo revelará a sua intelligencia, função do organismo inteiro.

Assim, é possível uma adaptação dos conhecimentos propedeuticos ás facultades que surgem e se desenvolvem, sem despresar o interesse a curiosidade, que é «o botão de flor do espirito da creança». Dahi a subordinação dos programmas, methodos, processos, horarios e disciplina moral ás necessidades espirituais do menino.

A escola primaria quer-se alegre como a infancia que nella se agita e para a qual é especialmente feito o docente.

E' natural que, em virtude dessa profunda revolução scientifica nos dominios da Pedagogia, a escola tradicional se tenha modificado quasi radicalmente.

E o pedagogo actual, orientado pelas novas luces dos principios pedologicos, não pôde mais viver do prejuizo do adulto, que tão desastradas consequencias tem trazido ao trabalho escolar. Hoje, «o verdadeiro professor é o que melhor conhece os seus discípulos».

A missão que lhe está reservada é so-nhar a república de filhos; sua principal tarefa é desenvolver intelligencias e formar caractéres.

Depois de completa a educação pedolo-

gica do mestre, é preciso ainda abrir-lhe os olhos deante dos meios naturaes, sociaes e moraes, que exerçam influencia sobre a sua tarefa profissional.

Ainda estamos bem longe, no Brasil, da solução de todos esses problemas.

A infancia brasileira está dividida em duas porções: uma, a legião da inconsciencia, pobres séres de espirito apagado, sem finalidade humana, sem ideal; outra, a casta meninos desditosa, que frequenta ainda as escolas tradicionaes, antiphysiologicas, onde a



Dr. Aprigio Camara

sua preciosa espontaneidade se amortece...

Sabe Deus quando lhes proporcionaremos escolas activas, colégios de ferias, excursões escolares, escolas ao ar livre!

Quando teremos uma pedologia nacional? Não sei de outros Estados, depois de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte, onde se tenha procedido a investigações pedologicas, base indispensavel para dar ao ensino, entre nós, uma orientação logica e natural, de acordo com as condições phisicas e moraes da infancia patricia.

E' tanto o nosso imperdoável desculpa quanto ao esclarecimento das questões relativas á creança nacional, que nem sequer nos procuramos utilizar de valores estrangeiros, escolhidos em meios assimilaveis aos nossos elementos.

E é necessário, é indispensavel, é urgente ampliar o campo dessas investigações, com a colaboração technica do medico escolar. A intervenção deste no serviço educativo é de uma utilidade flagrante, para estabelecer a diferenciação dos estados anormaes.

Outros motivos justificam a presença do medico na escola: o exercicio da medicina repressiva e, principalmente, o da medicina causas que possam comprometer a saúde infantil.

Só o Imperio japonês, em 1913, mantinha 7.000 medicos per capita.

Para o estudo completo da infancia, é também de necessidade, hoje reconhecida em todos os países civilizados, a collaboração pedagogica da familia. Na Belgica e na Alemanha, os estabelecimentos de ensino reunem, constantemente, os pais, para ouvirem leituras, palestras e conferencias sobre assuntos educativos.

Divorciados os dois meios educacionaes — o lar e a escola — o trabalho do professor se tornaria quasi improposito. Collimando u'a mesma finalidade, precisam viver num como estado de symbiose moral. Diz Perez: «o primeiro banco da escola são os joelhos das mães», porque ainda na puericia recebem os meninos os primeiros ensinamentos, cuja influencia, por vezes, se projecta através dos annos porvidouros.

O estudo da creança constitue, actualmente, uma sciencia especial, com seáreas, methodos e processos proprios.

Quando realizamos observações com o intuito exclusivo de conhecer a estructura e o funcionamento do corpo e do espirito infantis, não saímos do campo da pedologia theorica, que também investiga a sociabilidade nas primeiras phases da vida humana. As necessidades da especialização scientifica abrem margem ao estudo de interessantes e varios capitulos naquellas modalidades especulativas.

A pedologia applicada ou pedotechnia tem uma esphera de actividade tão larga quanto util, quer trate de curar as creanças doentes (pediatria), quer se proponha a corrigir a delinquencia infantil (pedotecnia judiciaria), quer forneça as regras para educar séries sadios e normaes (pedagogia experimental).

Do esclarecimento desses aspectos, surgirão normas educativas perfeitas e, com elas, uma orientação pedagogica, firmada sobre bases definitivas.

APRIGIO CAMARA

(Do livro em preparação *Aspectos da educação nova*).

A DIFFICIL ARTE DO ROMANCE

L'art du roman c'est le plus moderne de tous, parce qu'il est le plus souple, le plus capable de s'accommorder aux nécessités variées de chaque nature humaine. Nous tombions d'accord que les lois imposées au romancier par les diverses esthétiques se ramènent en définitive à une seule: donner une impression personnelle de la Vie.

PAUL BOURGET

M U S A F Ú T J L

apparecelas

— Sim, dona Carmo, minha amiga,
Seu ar ilude tanto a gente...
Seu ar é de... — De quem? me diga...
— ... de uma pombinha muito... innocent.
Você na igreja, dona Carmo,
Quando se ajoelha para rezar...
— Que cravo, o seu! quer offertar-me?
— Se o trouxe apenas para lhe dar...
— Muito obrigada. — — — n'y a pas de quoi...
— Porque não disse não há de quoi?
— Mas dona Carmo! certo não há
Outra que seja como você...
Engana tanto... — — Não é verdade.
— Perdão... engana. — Que teima! prove,
já tem quinze annos de mocidade.
Mas que gelinho de quem tem nove...
Seu ar de ingenua me iludi tanto...
— E agora? — — agora me faz sonhar.
Sim, dona Carmo! tem certo encanto
Seu ar de ingenua... para iludir.



a boquinha de Zezita

— Zezita venha cá... — — Chamou-me?
— Sim, chamei.
Onde encontrou você, minha d'ce amiguinha,
Uma boquinha tão pequena assim?
— Não sei...
— Pois vou contar-lhe, não é poesia,
Toda a suave mythologia
De sua boquinha:
Era uma vés um anjo que beijava
Uma virgem do Céu. Mas, ao beijá-la, era
Um dos beijos e beija u'a novem que passava...
— Que conto lindo!
— Pois foi assim... Com o beijo, a novem
Se fez sereno e lá se foi calhando,

Cahindo,

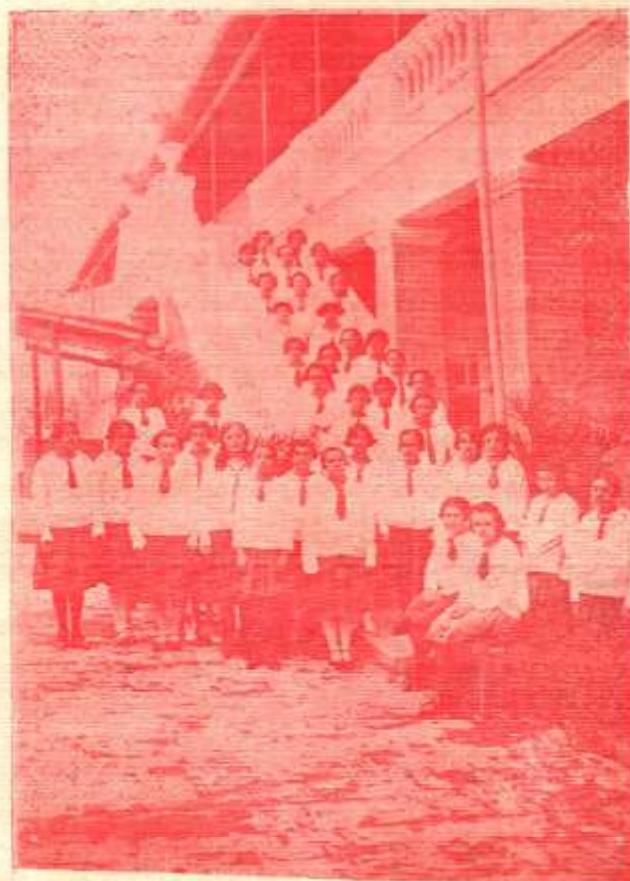
Em forma de boquinha, sobre a terra...

«seu» Eudes

— «Seu Eudes», a sua vida
Já foi bem triste, não foi?
— Tanto como o pio triste
Da ave de Pôe...
— Mas todo effeito tem causa...
Dizer-me a causa não quer
De sua passada magua?
— ... uma mulher.
Foi assim... Ela deixou-me.
Depois... Veja lá, você!
Meus sonhos adoecem todos
De não sei quê...
Minha vida então só pensa
Num allivio a tanto mal:
Abriga todos os doentes...
Faz-se hospital...
Chamei um medico. A' parte,
Me diz o amigo doutor:
«A doença é grave». E em voz baixa:
«Só outro amor...»
— «Seu» Eudes, diga-me! e agora
Sua vida é ainda assim?
— Qual!!! hoje é cheia de rosas
Como um jardim...

assumpto prohibido

Fernando Nobrega com a menina
Fala de tudo — de assumptos varios.
Fala da crise, da canção de Vitalina,
Do «Club dos Diarios»,
Do preço do café, das rugas de Bitota,
Dos nossos bondes como andam lento...
Fala de tudo, você não nota?
— ... só não fala em casamento.

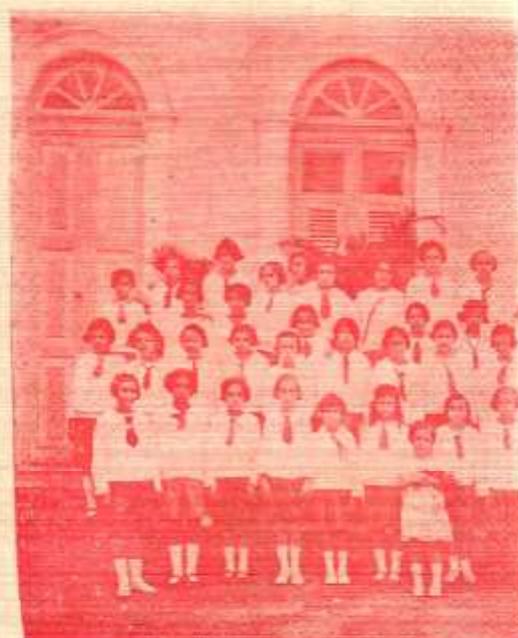


1.º ANNO
DOS
CURSOS
NORMAL E
COMMERCIAL

UM
RECANTO
DE
SAUDADE
DE
NOSSA
JUVEN-
TUDE

2.º ANNO DOS CURSOS NORMAL E COMMERCIAL

ALUMNAS DA 4.ª CLASSE



Mais de uma geração parahybana tem sido formada no Collegio de Nossa Senhora das Neves. Nos seus bancos escolares a juventude da Parahyba tem recebido os dôces e simples ensinamentos moraes e intellectuaes das irmães da Sagrada Familia, sempre dedicadas, e comprehendendo o seu duplo mestér.

A influencia da primeira professora da nossa infancia é funda e tem um sabor de seductora saudade.

Embora não queiramos, nunca, voltar-lhe ao tempo, ella não deixa de nos chamar com as suas alegrias e ingenuas tristezas.

E o Collegio das Neves guarda nas suas paredes muitas dessas aspirações dos innumeros «Petit-chose» que fôrman as infâncias do mundo inteiro.

Quantas mães não revêm na alacridade buliçosa de suas filhas, que vão alegres para o Collegio, os seus tempos de menina, os mesmos entusiasmos, as mesmas peraltices brejeiras.

Sentem um passado vivo, cuja saudade não dóe e cujo encanto transfórmá e seduz.

Vêm as ferias annuas. O pittoresco das representações improvisadas, num palco cheio de bambus. Ha um movimento constante de faixas encarnadas. Chega o sr. Arcebispo. Attenção!

O movimento continua e a sala está cheia de paes que se collocam e, subido o panno, procuram, naquella multidão de cabeças alinhadas que parece um teclado de machina de escrever, a sua filha.

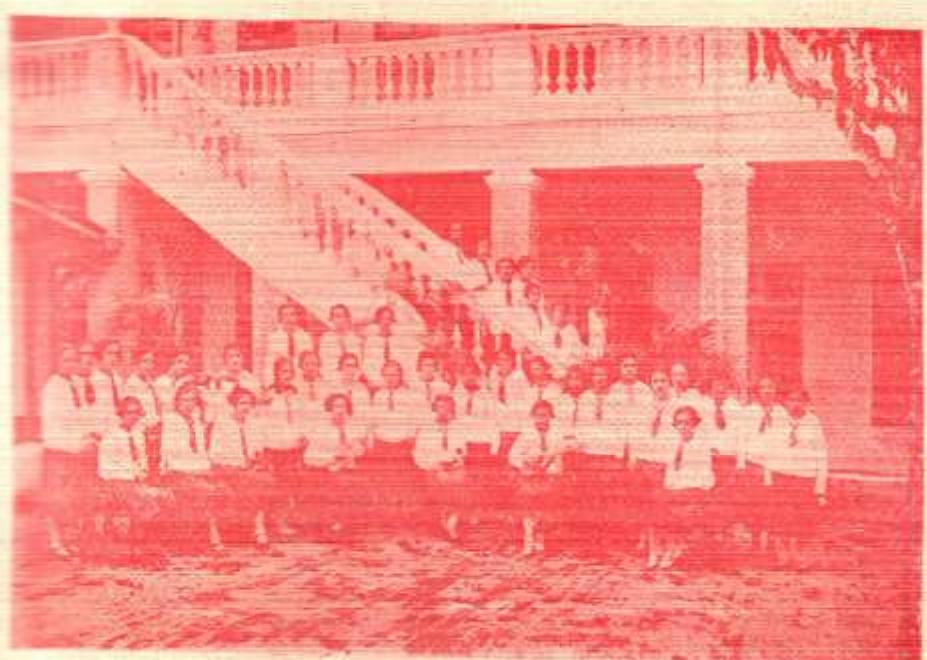
Curiosa machina de escrever onde os dedos do destino vão escrevendo a historia social da Parahyba. E as tecidas se movem, afflictas.

Ella já os viu e os olhares se encontram. Dahi em diante tudo desappareceu, excepto aquella figura, para cuja educação valem todos os sacrificios. Depois do hymno, a saudação; depois da saudação, aquelle rai sem fim de tantas notas optimas, tantas notas boas; 1.º premio de alegria juvenil, 2.º de applicação...

E vem o drama das meninas em que sempre apparece uma orphã, aos cuidados de uma rainha má e vingativa que a maltrata, e um cavalheiro (naturalmente travesti) que salva tudo. Não é raro haver um milagre. E a comédia dos meninos? E' sempre palhaçada.

E novamente o hymno fecha o programma.

E as gerações se sucedem.



PETIZES

A pequena
ANDRÉA,
filha
do sr.
José Eu-
genio Lins
de Albu-
querque,
secretario
da Instrução
Pública.



Idéas de approximação intellectual

Da ultima carta que o escriptor argentino Sanchez Saez dirigiu ao nosso director Severino de Lucena, destacamos o excerto que reproduzimos mais adeante. O apreciado intelectual portenho faz as mais elogiosas referencias a esta revista, a intelectuaes parahybanos, e, sobretudo, aos homens e coisas do Brasil de que fala com a admiração e o entusiasmo que lhe sugerem o esplendor do renome de uns e a magnifica beleza de outras.

E' de feito uma carinhosa mensagem de affecto e de cordialidade essa que a amisade de Sanchez Saez envia de Buenos Aires á mentalidade patricia por intermedio de Era Nova. De sua leitura destaca-se para logo a necessidade do intercambio intelectual entre o Brasil e Argentina, em cuja obra silenciosamente se empenha o autor procurando assimilar a nossa literatura desde os primordios do pensamento nacional até á hora actual. Hora de estagnação e de descredito para a arte brasileira.

Traduzimos em nosso idioma a carta do illustre confrade por merecerem a maior divulgação entre os nossos homens de letras as suas idéas e as lisongeiras referencias com que acobertha o nome do Brasil.

E-nos aprazente essa publicação ainda para que se saiba a impressão que lá fóra vem causando a nossa revista, em cujo amanho temos empenhado as nossas melhores energias a prol das renome da intelectualidade parahybana, e emfim como ve hiculo do pensamenio dos que fazem entre nós vida de espirito.

Esse testemunho representa um forte estimulo por que continuemos, embora modestamente, a trabalhar na propaganda que visímos emprehender do Estado da Parahyba. Bem se está a ver que só atingimos esse fim, contando, sobretudo, como contamos com o auxilio poderoso dos governos, que no vam constituida um dos factores estimulantes na nossa

E-nos aprazente essa puonicação anua para que se saiba

é uma revista digna do apreço de seus collaboradores, por suas qualidades de arte e de impressão.

A Argentina é um paiz onde não faltam, é certo, revistas esplendidas, porém talvez não tenhamos uma como essa «Era Nova», que reúne um grupo de escriptores selectissimos e que me causam sincera admiração, aos quars signo, dedicando-me inteiramente ás letras desse Estado que tanto aprecio. Foi precisamente de «Era Nova» que muito me estimulou nesse caminho.

O Brasil é um grande paiz de nobreza e de arte. Pôde dizer-se com intiera franqueza que dos logares da America é seguramente onde floresceram com mais intensidade as luzes da alma... Vocés têm poetas que nós outros não chegaremos já-mais a possuir em grado de sinceridade e de pureza. E não sómente um ou dois! Em pensadores e esthetas o mesmo. O que sucede é que falta ao Brasil uma casa editorial que fizesse o que está fazendo a «Cultura Argentina», dirigida por José Ingenieros, publicando obras de escriptores argentinos, que por escassos meios e ambiente não foram ao seu tempo conhecidos ou reconhecidos. Essa casa editora, de que lhe falo, tem editado cerca de mil volumes, que são o repositorio da critica contemporanea, como demonstração para fazer obra séria e perdurable.

Diga-se o que se quizer, no que pese ao modernismo e ao futurismo e a todos os ismos, não é possivel falar do presente sem solida preparação classica. O de hoje é o resultado do de hontem. Tão certo é isto como que o filho é o producão da mãe. No Brasil é necessaria uma empresa editora, que recolha a voz de todos os grandes escriptores, desde o começo da Nação Brasileira. Essas obras não é possivel encontral-as.

Graças ao «Annuario do Brasil» e ao seu director o culto sr. Alvaro Pinto, temos as obras de Gregorio de Mattos e Cruz e Souza e outras cujas edições temos ao alcance de nossas mãos para nos deleitarmos e termos um procedente litterario do Brasil.

Não obstante, estou desejo de ter obras de Avelino Fontoura, Alvaro Guerra, Adolpho Caminha, José do Patrocínio, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Joaquim Nabuco, Guimarães Passos, Ruy Barbosa, Aluizio de Azevêdo, Sizenando Nabuco, Arthur de Azevêdo, Theophilo Dias, Olavo Bilac, Sylvio Romero, José Veríssimo, Ezequiel Freire, Alvares de Azevêdo, Julio Barbosa, Castro Alves, Gonçalves Dias, Francisco de Sá, Tobias Barreto, Bernardino Ribeiro, Macêdo, Machado de Assis, Martins Penna, Casimiro de Abreu, Dutra e Mello, Junqueira Freire, João do Rio, Araripe Junior, Basílio da Gama, Altides Maia, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Sacramento Blague, Augusto dos Anjos, Raymundo Corrêa, Affonso de Guimarães, Anta de Souza, Oswaldo Cruz, Teixeira de Mello, Jaceguay, Valentim de Magalhães, Euclides da Cunha, Affonso Celso, Dario Velloso, P. de Toledo e outros que não recordo por não querer cançal-o.

Quantos tesouros não ha por esses grandes Estados do Brasil nas creações de escriptores do passado, que seriam uma maravilha para o conhecimento e educação das gerações actuaes!...

En, apesar de estar escrevendo só're o Brasil na nove annos não sei nada do que pôde ser este paiz em sens principios para poder chegar — como é razoavel — ao estado actual.

Não sou das pessoas que, conhecendo o Rio de Janeiro ou São Paulo, ou algum escriptor contemporaneo, têm material para um livro... Não quero ser desses individuos. Se alguma vez fizer um livro sobre o seu paiz será um livro digno de que voces o leriam com todo o curioso e respeito possivel. Agora mesmo estou escrevendo uma série de artigos sobre escriptores classicos brasileiros e não pôde você imaginar o soffrimento que tenho por carecer de livros e documentos para o caso. Peço ás librarias do Rio e de São Paulo e não teem as obras que solicito, dizendo que estão esgotadas. Mas, se o estão, porque não as editam de novo?

O mais lamentavel de tudo é que sou pobre e não posso visitar esses Estados longinquos do Brasil, para falar com seus homens e mirar a terra onde se desenvolaram esses colossos de heroísmo.

annos não sei nada ao que pode ser este paiz em seus prin-

... é uma calamidade social essa quasi paralisação do comércio dos casamentos. Por mais que me aprofunde em indagações e observações, no lourabilíssimo propósito de fixar a

causa de primeira necessidade para o homem. Ao espirito lhe avendo logo que ella é geradora de primeira necessidade para o homem de estomago cheio, mas para o de estomago vazio não é nada mais nada menos que um estomago a mais a encher. Por isso, o estomago do homem raciocina que o casamento só é vantajoso quando a mulher entra na sociedade conjugal com o estomago cheio, por isso que os homens solteiros lutam com os maiores impecilhos para satisfazer as necessidades do proprio estomago.

quem o vestido e a pintura tinham emprestado todas aquellas qualidades.

E' de ver, pois, que, impossibilitado o homem de, entre uma menina velha e uma me-

nhina nova, reconhecer qual a verdadeiramente nova, ambas que se assemelham e se con-

fundem, por obra e graça do vestido, dos enfeites e da pintura, decide-se por não escolher nenhuma, salvo aquelle que é imprudente ou joga com a possibilidade de acertar,

após uma semana de febre de trinta e nove grados com medicos à cabeceira, eu verifico, convalecente do coração e firme de senso, tratar-se de uma menina de trinta annos, a quem o vestido e a pintura tinham emprestado todas aquellas qualidades.

E' de ver, pois, que, impossibilitado o homem de, entre uma menina velha e uma me-

nina nova, reconhecer qual a verdadeiramente nova, ambas que se assemelham e se con-

fundem, por obra e graça do vestido, dos enfeites e da pintura, decide-se por não escolher nenhuma, salvo aquelle que é imprudente ou joga com a possibilidade de acertar,

Estão aí, com abundância de raciocínio e excesso de argumentos, discutidas e provadas as causas da queda da indústria do casamento nos dias correntes. Parece-me que as mulheres, as únicas partes interessadas no assunto, têm em suas mãos os meios de atenuá-las, achando-me eu indisposto a ensinar-lhes um plano capaz de produzir benefícios resultados.

G A S P A R

BANALIDADES ELEGANTES

Já é uma calamidade social esta quasi paralisação do comércio dos casamentos. Por mais que me aprofunde em indagações e observações, no lourabilíssimo propósito de fixar a corrente das causas de semelhante fenômeno, dou sempre no desconhecido, no impraticável, eu que me gabo de conhecer profundamente todas as maledicências sociais, eu que passo por possuir um subtílissimo espírito de pesquisador.

Entretanto, o fenômeno é subido de todos e produzido contra as mulheres, acompanhado de um cortejo lugubre de consequências desagradáveis e fatais, entorpecendo exorcicamente os serviços do povoamento da terra e perigando a sorte das nossas meninas casadoras, com maiores prejuízos para a família, para a sociedade e para a pátria.

No caso, o que principiamente me interessa é a sorte das meninas casadoras, por isso que temos de tomar sobre as mulheres, gentilmente, a tarefa de prestar-lhes alguma ajuda de consolo por modo a não-as conformarmos, na esperança de melhores dias.

De malas voas a que não serve argumentar nem conselhos, tal o estado de desespero a que chegaram. Mas fico satisfeita sólamente com a indústria de casar com a vida pelo que elle a é realmente, e não pelo que se pretende a sua dureza imaginária.

O casamento, no estado actual, como já me foi repetido dizer, deixou de ser de uso de costume para reger-se unicamente pelos estomagos. É este o motivo daquela e pratica em todo o país, desgraça, maledicência e abusos a prima face, mas que tem por si todos os argumentos e se vê cada vez mais por uma jurisprudência massiva e pacífica.

Um pouco de raciocínio para formar a mente e suscetível de ponderar o aspecto das minhas interessantes leituras. O estomago assumiu o lugar do coração em semelhante medida por quatro motivos: tumulto de vida, abundância de mulheres candidatas ao casamento, escassez de homens e excesso de louras mulheres.

A carestia da vida é o principal factor da queda da indústria do casamento. Fazemos prová-lo. A regra é que os homens tenham sempre o estomago vazio, uns por que possuem a responsabilidade de encher o estomago de muitas mulheres, outros por que possuem a responsabilidade de lhes satisfazer todos os apetites de luxo e da vaidade, outros, finalmente, por se resignarem a concorrer com as duas outras.

Conhecedor disto, o homem solteiro, que sabe, por ouvir dizer, do quanto é despendido o preço dos generos de primeira necessidade, como também o quanto são custosos os trajes e enfeites das mulheres, foge de se casar, embora não deixe de reconhecer que a mulher e ge-

nro de primeira necessidade para o homem. Ao espirito lhe avendo logo que ella é geradora de primeira necessidade para o homem de estomago cheio, mas para o de estomago vazio não é nada mais nada menos que um estomago a mais a encher. Por isso, o estomago do homem raciocina que o casamento só é vantajoso quando a mulher entra na sociedade conjugal com o estomago cheio, por isso que os homens solteiros lutam com os maiores impecilhos para satisfazer as necessidades do proprio estomago.

E' esta a ação da carestia da vida contra a indústria do casamento, cujas consequencias se fazem sentir tão funestamente porque quasi todas as meninas casadoras têm o estomago vazio. Em ultima analyse, como eu já disse algures, estas meninas, à maneira do papel mundo em nosso paiz, não possuem lastro de qualquer especie monetaria que garanta o seu certo no comércio do casamento.

A abundância de mulheres candidatas ao casamento e a escassez de homens, eis a segunda e terceira causas do decrescimento dessa indústria. Enfina a economia política, com Adam Smith, Leroy-Beaulieu e Levasseur à frente, que uma grande offerta para uma pequena procura é motivo bastante para desvalorizar as mercadorias e diminuir sensivelmente as trocas. Este princípio económico se applica com inteireza à matéria aqui ventilada, porquanto, excessivo como é o stock de mulheres no mercado, todas desejosas de se casarem, e diminuto qual se verifica o stock de homens para lhes fazer face, a consequencia é esta que observamos— a queda da indústria do casamento. Muitas mulheres para poucos homens dão em resultado muito poucos casamentos. Faço esta observação de acordo com dados estatísticos autorizados, cujos autores me são inteiramente ignorados.

Por ultimo, o excesso de trajes e enfeites nas mulheres periga seriamente o comércio de que se trata. Devido aos artifícios do vestido e da pintura, não é possível a ninguém distinguir entre uma menina de pouca idade e uma de idade avançada. Todas se confundem e se assemelham, de tal arte que é comum se tomar por uma joven uma menina maior de trinta annos, o que dá logo a enganos prejudicialíssimos, verdadeiros erros essenciais sobre a pessoa, sem que, entretanto, aproveite ao homem qualquer disposição dos ns. I e III do art. 219 do Código Civil.

Comigo já se tem dado passar noites em dia, com manias de me casar, a fazer versos, a escrever prosas intoleravelmente românticas, com a mente cheia do vulto de uma mulher que vi no cinema ou no bonde, impeccável de forma, sedutora de modéstia e belas, quer-

que o vestido e a pintura tinham emprestado todas aquellas qualidades.

E' de ver, pois, que, impossibilitado o homem de, entre uma menina velha e uma me-

nina nova, reconhecer qual a verdadeiramente nova, ambas que se assemelham e se con-

fundem, por obra e graça do vestido, dos enfeites e da pintura, decide-se por não escolher nenhuma, salvo aquelle que é imprudente ou joga com a possibilidade de acertar,

Estão aí, com abundância de raciocínio e excesso de argumentos, discutidas e provadas as causas da queda da indústria do casamento nos dias correntes. Parece-me que as mulheres, as únicas partes interessadas no assunto, têm em suas mãos os meios de atenuá-las, achando-me eu indisposto a ensinar-lhes um plano capaz de produzir benefícios resultados.

G A S P A R



VERA MONTEIRO, sobrinha do escritor contemporâneo dr. Carlos D. Fernandes

O pó que originou os negros

E' verdade, papae, que nós fomos feitos de pó?

E' sim, meu filho.

E os pretos?

Os pretos também.

Mas então, diga, foi com pó de car-

neiro?

Gabrielle D'Annunzio, o ultimo Fauno

SAMUEL DUARTE

Quando se calar para sempre a voz de D'Annunzio, emmudecerá o rythmo de seu canto com a morte dessa estranha fantasia que tanto se exaltou no delírio da gloria e na enfermidade da ambição.

A vida do poeta, agitada de extravagâncias que impressionaram a sua geração, tem sido uma febre de artista, sempre alta, nos extremos.

Como viveur, ninguém lhe ignora a paixão por Eleonora Duse, que ele amou com as ternuras morbidas de um satyro, a satisfação mística de um devoto, o entusiasmo de um poeta pagão.

Porque D'Annunzio sentiu pela sensibilidade e pela intelligência, as emoções transcedentes de uma voluptuosa em que se revela a força impetuosa de seu genio.

Artista, é em «Il Fuoco» que ele derrama a torrente desvairada de seus amores.

Como um «rei munificente» desdobra as opulências de uma imaginação que rebrilha em cristal.

Nesse romance (que ninguém já leu, por causa do risco iconoclasta da mocidade que não tem nervos) o vaidoso, illuminado exilado de Stelio envolve-se de uma sublime falsidade: Stelio persuade-se que fala à multidão mas, talvez inconscientemente, elle só se dirige a Foscariña. Através do poema, em que a magestade do rythmo iguala a abundância das sensações, Stelio fala numa linguagem que só Foscariña comprehende. Só Foscariña pode sentir o fulgor daquelas estranhas palavras e as emoções daquela voluptuosa, porque só ella conhece o segredo daquela alma abrasada, só ella enche a solidão daquela intimidade.

De maneira que esse romance não foi escripto para a multidão que lê revistas e jornais e brochuras de capa amarela, para passatempo e distração, em viagens ou em esquinas.

Em «Il Fuoco» per assa uma chama que requíma a imaginação de um artista, na febre da sensualidade.

Stelio e Foscariña ardem no fogo de dois interesses, que são os dois polos em redor dos quais como mariposa inconstante gira a eterna vaidade humana: a gloria e o amor.

Stelio é o homem de ambições solitárias como asas, voando insaciavelmente para gosos inverossímeis. Foscariña nutre a sensibilidade de emoções exquisitas, restringindo o círculo dos seus desejos à pessoa do amante, tão grande para o seu desejo que o seu desejo está sempre longe de o envolver na serenidade de completa de sua posse.

Assim D'Annunzio e Duse se disfarçam nesses

O romancista comunicou á amante a centelha viva de sua arte; Fez della um instrumento carinhoso de sua glória. Creou nela a interprete mais exacta de seus dramas. Realizou um milagre que desafia a sagacidade mais penetrante, transformando a actriz numa heroína que era a alma de Gabrielle D'Annunzio, inclada do artista allucinada pelas mesmas sensações do artista.

Espírito desvinculado de toda pia sciencia e religiosa, D'Annunzio é um pagão que só crê na gloria, a cujas alturas lhe evolar o incenso de suas torturadas ambições.

Numa época, em que a geração contemporânea atravessa o valle sombrio do scepticismo, com a lenta resignação de quem se acostumou às tristezas do desamparo, D'Annunzio refugiou-se no seu sonho, fez de sua adolescência um templo pagão para resuscitar, em si mesmo, o culto de divindades abandonadas.

E quando todos insistem em reconhecer a morte desses supremos interesses humanos — a gloria e o amor — acreditando que o seu esplendor morrerá no momento em que se baptizavam as concepções positivas, surge Gabrielle D'Annunzio e ama com uma vehemência, que escandaliza a Itália e o mundo, e se

atira as avenidas da guerra com patriotismo que renova a heróicidade de Percival e espanha os rios veteranos das campanhas austriacas.

Já D'Annunzio envelhece, como envelhece a sua obra, demasiado eloquente e elevada para este século tão seco e metallizado.

Já essa voz pagã, de harmonias olympicas, não cabe nas proporções estéticas dessa idade, em que se pretende denegrir a beleza dos velhos rythmos, por que a nova geração, cançada e afflicta, não descobre na sua debilidade nem talento num gosto para continuar os velhos rythmos.

A barbara intensidade de sua eloquencia já hoje offende as criaturas delicadas, de nervos enfermos, que ispan os ouvidos, no escândalo de tanta emphase.

D'Annunzio é o ultimo fauno que a intolerância dos novos rythmos e das novas escolas condena, com os seus editos, ao exílio e ao esquecimento.

Mas, grande nas acções e humano nos sentimentos, elle achará sempre, para o celebrar por todo o vasto mundo, em qualquer recanto onde seja comprehendido «l'idioma gentile», um rumor de admiração, um aroma de sympathy.



CIDADE DOS JARDINS

ELEGANCIA E CARIDADE

Minha gentil amiga: As minhas mãos, num impeto feliz, acabam de abrir a sua carta. Nella, commenta você a minha última chronica, em que falei sobre a falta de elegancia de que se revestem os novos hábitos, ainda tão provincianos. Você comprehenderá a sinceridade das minhas palavras sobre a creação de um sodalicio de señoritas, sociedade essa cujos fins teriam por alvo, não só fazer a caridade aos que se amoldam pela vida ao péso de todas as misérias, como também, e ao mesmo tempo, elevar o nosso gosto pelas coisas de espírito: pelas artes e pelas lettras.

Coste, minha querida amiga, que é seu apelido à minha lembrança saudosa da antigua. Encantadora, que! Seja a minha mais viciosa, e elle será, assim, o meu orgulho, o meu amor, sempre.

Acho excellente a sua lembrança sobre a realização de confidencias, que unem fraterna paixão entre os mais em evidencia. A parte desse apelo a liberdade eu acho indisponível. A dimissão dessa filha não me

deixaria fazer o possível para impedir ás suas festas um verdadeiro canto de elegancia e distinção. Os noivos, que na sua mór parte seriam assistentes da nossa meia, pagariam necessariamente uma pequena quantia, para que a sociedade se pudesse manter. Cada convidada, raper ou chefe de família, seria obrigada, por excesso da festa, a concorrer com o que estivesse ao seu alcance e a quantia total desses tributos seria, logo no dia seguinte, distribuída com os pobres da nossa capital.

Para evitar desconfianças por parte de alguma malintencionada, as quantias cobradas durante a festa, seriam apregoadas em voz alta e escritas num quadro negro, onde, terminada a noite, seriam sommadas á vista de todos. Isto poderia ser feito entre a parte literaria e a parte doméstica. Os jornais se encarregariam de dar suas notícias sobre a sociedade, falar sobre as quantias distribuidas, e isto faria desaparecer quaisquer desconfianças sobre os intentos dos associados.

Com os bilhos e o chá concorreriam três ou

quatro familias previamente designadas pelos directores, e que seriam, na função seguinte, por outras substituidas. As bebidas, como lhe fiz ver na minha ultima chronica, seriam pagas pelos que delas se quizessem servir.

Fu creio, minha amiga, que tudo isto, difícil á primeira vista, seria muito facil e coroado de completo exito, desde que houvesse um pouco de boa-vontade.

O que não me agradou na sua carta foi você não querer tomar a frente de tão louvável empresa. Por que? Quem mais capaz do que você que reune a uma cultura não vulgar uma evangelica bondade?

Sobre o assumpto entenda se com as suas amigas nhas e verá que todas elas serão da minha opinião. Eu sei, tenho uma consoladora certeza, de que tudo isto não será um sonho desde que á minha idéa não falte o apoio da sua alma generosa.

Lembre-se sempre do seu

PAULO DANIZIO



Parque Arruda Camara

Imitação de chronica

(Bemaventurados os pobres de espirito . . .)

Noite. Theatro Santa Isabel. Luba!... Vanesse Luba d'Alexandrowska surge no proscenio e uma saraivada de palmas rebola estridentemente. Ella sorri, curvando-se, agradecida. Vestido côn de ouro, cabellos fulvos, braços nus, brancos... Senta-se ao piano e inicia a primeira parte do concerto com a «Sonata op., de Paradisi. Em seguida vem Bach, Beethoven...

Todos aplaudem: Uns por conhecimento perfeito da arte, como o nosso competente chronicista dr. Waldemar de Oliveira, que tão bello artigo publicou hoje no *Jornal do Commercio* sobre a eminentne musicista, que me fez sacrificar alguns nickeis para ouvir-a; outros, como eu, por emotividade nervosa, pela simples delicia de ouvir um piano gemer e cantar, ao impulso de deuses magicos femininos!

Segunda parte. Inicia-a Luba por uma composição de Norman Peterkin — «Visão Hindú» — curta, aligera, breve, ella traduz fielmente o estado d'alma mergulhada no extasis, maravilhada deante do bello, genuflexa deante uma visão que pôde ser uma crença ou um ideal. E quando eram mais intensas as vibrações nervosas do meu ser, ella parou de tocar, terminou, sorriu... enquanto minh'alma ascendia nas volutas illusionistas do sonho!

Em seguida, dentre outras, achei linda «A dança das Bruxas», de M. Dowell. Também pequenina e príncipe, ella desliso no teclado numa dança sagrada de sons, bailando no mysterio da eurythmia, empolgando todos, num vojar de borboleta negra!...

Depois, a obra recente de Mario Castelnuovo Tedesco, (rhapsodia viennense) dividida em três tempos: «Alt Wien» para a qual chamavam a nossa atenção em asterisco. «Estreada com ruidoso sucesso em março de 1924 em Florença — descreve três estados de alma: antes, durante e depois da guerra mundial. 1.º tempo Thema de Valsa — «Alt Wien» — cheio da tradicional alegria viennense; 2.º tempo: Nocturno — «Nachtluch» — desenvolvendo agitação, tristeza paixão e lembranças do tema de Valsa e da alegria que passou... 3.º tempo: Fox-trot Junebre — «Memento Mori» — Vienna, apesar da morte que se approxima, resiste, chora — mas quer dan-

cer. Esse Nocturno, que forma o segundo tempo da peça, é admirável, maravilhoso!... Ele desce ao fundo do nosso coração, penetra em noss'alma com laivos róxos e fristes de crepusculo... Sentimos bem claro a angustia e a dor da alma amorosa

ESCALPTURA

F
A
C
E
I
R
A



RODOLPHO

BERNADELLI

e folgazã de Viena, soterrada pelo descalabro da Guerra! E sentimos no espirito infiltrar-se a melancolia desesperada de uma sociedade que foi feliz e grandiosa e rica, e que sente approximar-se do fim!... E esse Nocturno tem simile de requiem!... Para finalizar surge, em rebate, alegre, o «Fox-trot tragico», ultima e suprema expressão de ironia e desprezo, de audacia e de loucura da Vienna heroica e aristocrata que «apesar da morte que presente, soluça... mas quer dançar até ao fim!»

E Luba foi grandiosa, soberba, na tradução musical dos sentimentos!...

A terceira parte, composta unicamente dos «Estudos symphonicos», de Schumann, proporcionou ainda occasião da artista eximir demonstrar a sua invejável technica e colher mais um triunfo.

Luz. Applaustos. Flores. Uma cabelleira
Maria Augusta

E terminou o concerto de Vanesse Luba d'Alexandrowska, que nos deliciou nesta limpida noite de maio...

Vanesse d'Alexandrowska, russa da miscigeno, vem cedo se transportou para a

Italia. Ahi, nesse privilegiado paiz onde a Arte constitui um culto sagrado, educou-se a sua sensibilidade e desabrochou o seu talento musical. Completaram-se os seus estudos sob a direcção de Buonamici, discípulo, por sua vez, de Liszt. Já em Paris foi Risler o seu grande mestre. Dahi começou a sua como que peregrinação de Arte pelas plátiias mais cultas da Europa e da America. E a verdade é que cada concerto efectuado é mais um sucesso na sua carreira, mais uma palma para a sua coroa de laureas.

FABIO BARRÉTO

CUSOS

O desapontamento de mil. Iai mais do que justo, foi mesmo uma das mais sinceras revoltas da nobreza de cultura. Não se há de justificar nunca a semcerimônia daquelle moço tirando-a para um numero de dança na reunião derradeira do Cabo Branco. Não se haviam convidado.

Ningum lhe apresentaria. Porque razão teria de dançar com aquella rapaz? E por uma simples questão de gentileza, de bom tom, de educação, lá se foi, contrateira, voltar na sala ao compasso de um fox-trot, com um desconhecido.

Que diferença de mil para com muitas outras suas amiguinhas...

O anniver-

sario

de

Epitacio

Pessôa



A figura singular de Epitácio Pessoa, sempre ser um singular para a Paraíba, é uma conquista de que, não fosse esse homem, por uma exceção reflectida de mentalidade das massas.

O seu aniversário, o 23 do mês p. p., das massas e que, no Brasil inteiro, se realizaram festas e homenagens ao eminente brasileiro.

No Rio essas manifestações atingiram um grau de entusiasmo e patriotismo que colocaram o senador Epitácio Pessoa numa posição a que só chegou os homens de comando de um Estado.

A Paraíba tem sentido, nome defesa incansável e devotada, a influência do filho amado que, no momento de assumir a direção suprema do Brasil disse que ella havia de era em diante pesar politicamente na balança nacional.

Essa defesa tem sido o bem maior da Paraíba. Tem-lhe evitado aguas e desgastes. Ninguém tem a audácia de falar nas nossas crizes sem ouvir primeiro a voz, sempre alerta, de Epitácio Pessoa.

Por ella estamos livres de intenções, de injunções humilhantes, de influências estranhas em nossa vida económica, política e social.

Essa liberdade e essa segurança que nos garantem um trabalho produtivo e livre de todos os choques e competições são uma consequência exclusiva da política implantada no Estado, desde 1945, política que tem sua razão e inspiração nos actos e palavras do grande compatriota.

Nossas expressões não representam sendo o pensamento de todo o paiz, particularmente da Paraíba, que há de abençoar sempre o seu grande filho.

Severino de Lucena

Transcorreu no dia 23 do mês expirante o aniversário do nosso colega de redação Severino de Lucena, director desta revista, presentemente no Rio de Janeiro.

Official de gabinete do ex-presidente Solon de Lucena, teve o illustre companheiro de actuar junto á administração passada, numa efficiencia de esforços em beneficio de nossa terra e de quantas pretenções lhe pareceram justas. Vem dahi essa aura de sympathia e admiracão em que o anniversariante vive entre nós, formando ao lado dos valores moços mais authenticos da Paraíba.

O traço caracteristico de seu espirito delinea-se nessa proverbial simplicidade com que nos acostumamos a vê-lo e a querer-lhe, sempre consciente do ephemero das posições que guindam o homem, e agindo sem validades de mando nem prerrogativas de cargos.

Assim é que nunca usará da sua ascendencia politica senão para fazer a amparo dos fracos e humildes que se refugiavam á sua bondade.

Ainda h.je, no mesmo posto, servindo ao substituto do seu eminentissimo pae, a sua norma de conduta não soffreu solução de continuidade.

Official de gabinete do presidente João Suassuna, que, como prova de confiança politica e estima particular, o quiz conservar nesse cargo, a personalidade do sr. Severino de Lucena continua a seduzir-nos e nuclear em torno de si as mais espontaneas e verazes forças de sympathia.

Nas lutas que há quasi um lustro nos empenhamos no levar por deante esse sonho de todos nós, que é Era Nova, a acção do nosso collega tem-se feito sentir desde os podermos de sua publicação até hoje. Acção de um forie, de um resoluto cheio de despreendimento e de lealdade. Temol-o visto com o mesmo animo, com a mesma coragem e ardor, assim nas nossas victorias como nas mais crueldades pelejas a prol do idéal por que vivemos.

Talvez sem a sua cooperação não fôssem bastantes para vencermos os adminiculos, se bem que poderosos e dignos também de apreço, de nossos demais companheiros, tal é o contingente inestimável de benefícios que a sua cooperação nos tem trazido.

Servimo-nos de sua ausencia para dizer o que a sua modestia poderia tocar nas nossas paginas e impedir a sua publicação.

A passagem de seu aniversario deu-nos oportunidade para divulgarmos o que devemos á sua intelligencia e á sua vontade.

Saudoso de sua ausencia, enviamos-lhe a nossa afectuosa mensagem de parabens, aguardando com o mais justo carinho a sua volta ao convívio dos amigos e collegas da Era Nova.

POLITICA DE PERNAMBUCO

A orientação do sr. Sergio Lorêto continua dando os melhores fructos de solidariedade, harmonia e paz na vida do vizinho Estado do Sul

Pernambuco, a terra das tradições gloriosas, ocupa, actualmente, um lugar deveras honroso entre os Estados «leaders» do pensamento nacional. A Paraíba tem sua historia ligada à terra pernambucana em momentos diversos em que o norte brasileiro soube servir aos interesses e à grandeza do Paiz.

Era Nova aproveitando a esplendorosa capital do jornalista pernambucano Antonio Fasanaro procurou ouvir-o sobre o momento politico do vizinho Estado do sul.

Antonio Fasanaro assim falou:

— Muito prazer terei de responder as perguntas da Era Nova, que, no meu pensar, é no consenso unanime da população recifense, figura entre as melhores revistas do paiz.

— Que nos adeanta, inquirimos, sobre o rompimento entre o senador Borba e o governador dr. Sergio Lorêto?

— Era um facto esperado. Limita-se até agora a um caracter puramente individual.

O assumpto é melindroso. Como sabe, eu considero estes factos por um prisma de homem independente e falo sempre com franqueza. No entanto, quando os melindres estão afectados de parte a parte, é preciso que se pesem as palavras — porque as más interpretações são frequentes em tais momentos. Deixe-me agora, recordar brevemente, o estado de coisas de Pernambuco em 1922.

Eu chegava, por esse instante, da Europa, de minha penultima viagem, quasi alheio aos partidarismos politicos e à luta aterradora que se travava em prejuizo de ambas as partes. A perspectiva era rubra. Sómente um lema dominava os exaltados: «vencer à bala». Impunha-se uma solução. E diga-se a verdade: ambos os partidos eram fortes e ambos se bateram bravamente. Verificou-se um acordo, por iniciativa do então deão Pereira Alves, hoje d. José, Bispo de Natal, um prelado illustre e uma das mais cultas personalidades ecclésicas do Brasil. Ele indicou ao deão do governo do Estado «estimados amigos», homens de illustração e de um pas-

tario da Fazenda, o dr. Annibal Fernandes, o dr. Samuel Hardman, todos elles secretarios de Estado, que souberam impôr ao povo uma aura de estima e admiração.

O sr. prefeito, dr. Antonio de Góes, autorizou o Recife e dotou-o de grandes melhoramentos. O director do Departamento

ter a paz no Estado, condensar as forças politicas dispersadas nos diversos partidos, fazer uma política de sensatez, harmonia, salvaguardando os interesses do Estado — eis ahi o que se impunha desde o principio ao dr. Sergio Lorêto.

E é o que o sr. exc. tem feito.

Na organização da chapa estadual foram aproveitados candidatos de todos os partidos e tanto no Senado, como na Câmara, os collegios electorales foram brilhantemente representados.

Lamentável é o rompimento do dr. Manuel Borba, que a falar verdade, é um dos chefes de prestigio efficiente em Pernambuco e um dos homens de valor cívico.

Mas força é confessar-se que o dr. Sergio Lorêto sempre se manteve numa attitudine de conciliador dos momentos mais graves, juiz firme e decisivo nas suas accões.

Isto tudo é apenas o primeiro estremecer de uma questão longinquia: a successão governamental de Pernambuco.

Mas ainda é cédo.

— De certo, mas há varios candidatos...

— Sim. Dizem que o senador Borba se candidatará. Elle, porém, afirmou, numa recente entrevista publicada na Bahia, não pensar nisso. Apontam ainda o dr. Solidônio Leite, leader da bancada, o bispo de Natal, d. José Pereira Alves, o conde Pereira Carneiro, o illustre sergipano dr. Annibal Freire, ex-deputado por Pernambuco, ministro da Fazenda... Mas ainda é cédo e o governador de Pernambuco não cogitou do seu successor.

O candidato naturalmente indicado será, de certo, um homem criterioso, financista, ermito, culto, amigo de todos os partidos, colocado em situação de relevo e de quem Pernambuco tudo espera para as suas novas conquistas no seu grande progresso. Este homem não posso talvez individualizá-lo seguramente, e nem é tempo para isso. Mas necessariamente deve existir entre tantos homens illustres que constituem a fina flor dos eminentes politicos do actual governo.

Repto que se não cogita ainda de candidatos. Quando o momento o exigir as correntes politicas congregadas deante do caracter, da vontade e da justez de idéas do sr. dr. Sergio Lorêto, saberão indicá-lo unanimemente.

Não creio na perturbação da paz pernambucana. Affirma o senador Borba, e é crivel que não são esses seus intutitos. O mesmo se dá com o sr. dr. governador e com os demais partidos. O dr. Sergio Lorêto conta com grande parte das sympathias populares, mesmo porque a sua politica tem sido sempre de concordia.

Creio que o rompimento do senador Borba, que se não cogita ainda de canhadas, continuará dando os melhores fructos de solidariedade, harmonia e paz na



DR. SERGIO LORÊTO

de Saúde e Assistencia de Pernambuco, dr. Amaury de Medeiros, intensificou, com proveito, os serviços de saneamento e prophylaxia rurais na capital e no interior do Estado. Isso que estou expondo não é propriamente politica, mas prova o criterio altamente significativo do dr. Sergio Lorêto na escolha de seus auxiliares, a fim de governar, agindo amplamente em beneficio do Estado. Até ahi tenho mostrado o dr. Sergio Lorêto como um administrador

que se não cogita ainda de canhadas, continuará dando os melhores fructos de solidariedade, harmonia e paz na

Imprensa potyguar

A imprensa de Rio Grande do Norte tem um colectivo considerável de órgãos na capital e nas cidades do interior.

Agora mesmo em Nova Cruz, que é uma das mais prosperas localidades do vicente Estado nordestino, vem de surgir um bem feito periódico, que obedece à direção inteligente do nosso conterrâneo dr. José Lima Soárez, promotor da justiça ali, e redençionado pelo dr. Celso Ramalho, também paulista, sendo um dos que fundaram e dirigiram «A Voz da Maciade» e o «Liber» jornais que circularam nesta capital, anos atrás.

O novo hebdomadário é de feição quase pública e tem como título «O Demócrata», sendo alheio a facções partidárias, com alcance independente nas cidades e nos factos da vida desse município, por cuja interessante terra sempre une voz em perspectiva.

Queremos crer pelas prestações de integridade e de carácter da sua direção que este novo órgão veleja a voar longe acima da imprensa potyguar, nova chegada se afastar das mesmas tradições no seu artigo-programma. Se desse modo os seus dirigentes puderem conservar-se que estão prestando um serviço ao seu ambiente e o seu jornal cumprindo para uma finalidade de progresso e de organizamento com os actuais responsáveis pelos destinos políticos de Nova Cruz.

Vida Feminina — É este o título de uma nova revista que vem de sair a lume em Recife, sob a direção do sr. Solon de Albuquerque. De feição material pouco atrativa, *Vida Feminina* encerra, porém, trabalhos de intelectuais de conceito no meio literário daquela capital, prometendo vida longa e atração segura na imprensa periódica de Recife.

E seu representante entre nós o nosso collega d'*O Norte Real* de Góes.

• **Jornal Pequeno** de Recife expõe sobre *Era Nova* os seguintes comentários:

Era Nova: Recolhemos os últimos números da *Era Nova*, a excelente revista paulista, de que é director o sr. Severino Lopes e cujos sócios e secretários respeitíssimamente caçam S. Guimarães Salesman e Antônio Novais.

O apreciado quinzenário vem apresentando constantemente a sua feição sólida e material como intelectual.

Principiadamente impressa em papel «cachimbo», apresenta espécie servil de gravuras e um texto literário em que se vêem traços de ilustres intelectuais portugueses, clássicos e tipos editoriais, versos de autores, mundanismo, humorismo, etc.

EM SOUZA



Sra. ELISA ELIAS DE SOUZA,
cujo aniversário transcorreu a 23 do mês
transacto.

60 65 65 65 65 65 65 65 65 65 65 65



Legendas d'escó!

(II)

Dr. Alvaro de Carvalho

Eugenista, cultuando as livres normas da Éthica,
E a Idéia, e a Força, e a Lucta, e a Belleza e o Valor:
Nos «Ensaios» estão de Crítica e de Esthetica
Suas altas razões de livre pensador.

Traz-se em memória ainda a sua voz ardente
De estímulo ao Trabalho; o lustre que deixou,
Secretariando a acção de um Magno Presidente,
Nos aureos tempos do Governo que passou.

Ele é um desses heróes da Vontade: sósinho
Marchou, vencendo, para o seu grande porvir:
A ave sobe á amplidão da estreiteza de um ninho.
Quem tem asa ou ideal tem direito a subir.

E elle subiu! Em marcha ascensional e altaiva,
Subiu á custa d'honra, espirito e trabalho:
Figura de Plutarcho, heroica e rediviva...
Moços, eis o doutor Alvaro de Carvalho!

Reminiscencias do Rio

A uma melindrosa

Numa destas claras manhãs de abril seguia eu num bonde, Flamengo a fora. A Guanabara—espelho movel e colossal—brilhava, inundada de luz, resfrescando a praia com o beijo humido de suas vagas. A linha acinzentada das montanhas limitava o horizonte, manchado aqui e acolá pelo tufo verde dos morros, que esbatidos pela distancia se erguiam confusamente para o azul, qual relicario de perfumes e de ninhos.

Em todas as bôcas havia sorrisos traduzindo essa predisposição para a ternura, traço predominante dos filhos desse paiz de luz, calôr, perfumes e... mestiçagem...

Imovel na extremidade do banco, deixavas-te envolver pela luz gulosa do sól, que de certo te tomara por alguma rosa desabrochada, oh! for-

mosa flor dos tropicos... creança... mulher...

Olhei-te a silhouette franzina e branca com essa emoção que em mim despertam os objectos de arte: em teu vestido de malva semelhavas uma linda borboleta cáprichosa e volvel, que triumphadoramente abandonara a triste carcassa de chrysalida inicial... Mas... ai de mim! ai de ti! Zephyro, que andará a agitar-se em torno das outras flores, entretinha-se a fazer oscilar as asas verdes de teu vestido... Bem proximo estava um satyro moderno, de grandes olhos negros vincados a carvão, um almoadinhha, se assim o quizeres chamar... E... bem quizera a neve dos meus cabellos proteger-te a vaidade exagerada e inexperiente oh! meiga borboleta verde!

O sol indiscreto brilhava em teus cabellos, passeiava-te o corpo, favorecendo a transparencia de teu moderno vestido de... nympha...

UMA TESTEMUNHA AINDA FELIZ DO SÉCULO PASSADO



D. ROSALINA TERTULIANA DE ALMEIDA

Cem annos não é uma edade vulgar. Principalmente quando quem a atinge conserva perfeita lucidez de espirito e orgulha-se de uma saude integral. E' o caso da sympathica conterranea, cujo retrato estampamos ao lado. Parahybana, nascida aos dezoito de dezembro do anno da graça de mil oitocentos e vinte e quatro, dona Rosalina Tertuliana de Almeida é um tipo representativo de longevidade, de uma longevidade que deve muito à pureza do ar dos nossos sertões, onde viveu a grande parte de sua existencia. E já que começamos a dizer sua interessante biographia, terminemol-a: Natural de Campina Grande, filha legitima de José Francisco de Almeida e Anna de Almeida, dona Rosalina, foi, em 1858, directora de um collegio na capital da província. Nesse tempo, a Parahyba era bem outra e devia ter uma physionomia algo diferente da de hoje...

O gymnasio que esteve sob a sua direcção fundára-o o governo do sr. Beaurepaire Rohan, cujo nome ainda hoje perpetuamos numa das nossas ruas e num dos nossos mercados. Mas o collegio foi dissolvido e quem

Olhei o satyro: já mansamente approximava do teu hombro de jaspe a manga do palito cintado; seus olhos bistrados brilhavam felinamente e vincava-lhe os labios a malicia dum sorriso... E's ainda pura e inocente, pobre flor tropical! disse-m'o o pasmo, que te dilatou os olhos a tal gesto e a agitação medrosa com que deixaste o banco e o bonde... Amanhã, quem sabe?! não fugirás, talvez... simples questão de... habito...

E... assim segui, Flamengo a fóra, a pensar no que se tornará a mulher brasileira de amanhã, se não afogar em bom senso essa terrivel mania de *snobismo*, amolcedora de caracteres, que atingirá a perfeição de nivelar a gente honesta ás infelizes tombadas no mais negro e horripilante abyssmo moral.

Parahyba, — 21 — 4 — 925.

Aléc Monteiro

* * * * *

o fundou pagou o tributo da vida: morreu. E dona Rosalina Tertuliana de Almeida foi nomeada professora publica de Campina Grande, cargo que exerceu até 1879. Jubilaron-na, então, percebendo dos cofres da província 38\$500 mensaes, que ainda hoje a Republica do sr. marechal Deodoro continua a pagar-lhe pontualmente.

Em 1890, a familia de dona Rosalina retirou-se toda para a capital da Republica.

Ella, contudo, preferiu ficar connosco, no ambiente de affecto que as suas virtudes lhe haviam criado em Campina. Residiu sózinha, com as suas saudades, durante muito tempo, numa casinha de sua propriedade á rua do Mercado Velho. Até que monsenhor Salles a internou na Casa de Caridade de Campina, onde ainda se acha bem forte, vivendo mais de certo, de suas recordações, que de todos os aspectos brillantes da vida actual. Conta agora cem annos e três meses de idade.

— E... pormenor importante, nunca pensou em casar, teve sempre um piedoso desprezo pelos homens...

Collaboração

CHAMMA EXTINCTA

Falso piedoso: o nosso amic, Fernandes,
Está morto. É um cinzento de tembrança...
Morreu naquelle beijo de peccado,
Traduzindo, talvez, uma esperança...

Antes, porém, de o teves provocado
No silêncio sagrado de meus dias,
Quanta sede em meus labios... Eras grandes
Meus amores e os meus algarismos!

Entretanto, eu a fomeada maliva.
Sua saudade da lata que se envenenou...
— Aca de amar, de amar, sua captiva
No amaro disse amar que não faria...

Que não faria... Que apressa fui desejo...
— Pense que não tocada nesse a bonyço
Pela maldição da tua tua si guardada...
Como é triste essa tua execração...
Tão ou desejo amar... Pela tua amar
Resistiria tua olhar mais ardente
Resistiria essa fomeada maliva
Na sensibilidade da tua tua...
Pela unica ilusão de ser amado...»

Fernandina da Costa

NICOLAU DA COSTA

EXPORTADOR DE ASSUCAR

Refinação e tribulação a vapor

Armazens de estivas em Guarabira e Alagia Grande.

Agente da Standard Oil e correspondente do Banco do Brasil.

Teleg. — BINHA
PARAHYBA

DOMINGOS GRIZA & Cia.



A ALFAIATARIA
dos
ELEGANTES
RUA MACIEL
PINHEIRO

Cluci ou A velha gulosa

Narrada pelo sr. José Verissimo nos «Estudos Brasileiros».

Publicada pelo sr. José Coutinho de Oliveira em seu volume «Lendas Amazonicas», (Belém, em 1916.)

Um dia estava um moço pescando de cima de um mutá; a velha gulosa, que vinha pescando pelo igarapé, avistou-lhe a sombra, cobriu-a com a rede de pescar, mas não apinhou o moço, que quando viu aquillo riu-se de cima do mutá.

A velha disse: — E' ahí que estás? Desce para o chão, meu neto.

O moço respondeu: — Eu não.

A velha disse: — Olha que eu mando lá as cabas. E mandou-as.

O moço quebrou um ramo e matou as cabas.

A velha tornou: — Desce meu neto, quando não mando as tocanderas.

O moço não desceu e a velha mandou as tocanderas que o puzeram magua.

A velha atirou a rede e apanhou-o. Levou-o para casa, deixou-o no terceiro e foi fazer lenha. Atrás della veio a filha que estranhava que ella não contasse, como de costume, qual a caça que havia morto, e quiz ver o que era. Desembrulhando a rede viu o moço que pediu-lhe que o escondesse. A moça assim o fez e uniu um pilão com cera, embrulhou-o com a rede e deixou-o no mesmo lugar. A velha voltou do mato e acendeu fogo debaixo do muquem (1). O pilão esquentou-se, a cera derreteu-se e a velha apasou-a. O fogo queimou a terra e apareceu o pilão.

Então a velha disse à moça: — Se não me mostrares a minha embidára (2) eu te mato.

A moça com medo mandou o moço cortar folhas de assahy, para fazer panacis (3)

que viraram-se em animaes diversos, quando a velha foi atrás do moço.

A velha gulosa comeu todos os porcos, atas, veados em que se viraram os paneiros.

O moço viu que ella não se contentava, fugiu e fez um matapi (4), onde caiu muito peixe.

A velha entrou no matapi. O moço sponhou um pau de marajá em que a velha feriu-se quando comia o peixe. A velha ferida fugiu.

Então a moça disse ao moço: — Quando ouvires um passaro cantar kankan, kankan é minha mãe que anda perto para te pegar.

Quando elle ouviu aquelle canto correu para ouvir estavam uns macacos fazendo mel e pediu-lhes que o escondessem. Os macacos meteram-no dentro de um pote vazio.

A velha chegou, não encontrou o moço, passou adante. Os macacos mandaram o moço ir-se embora.

O moço andou, andou, andou. Ouviu o canto do passaro, chegou á casa do surucucú e pediu-lhe que o escondesse. O surucucú escondeu-o.

A velha chegou, não o encontrou, foi-se.

De tarde o moço ouviu o surucucú conversando com a mulher. Tratavam de fazer um muquem, assal-o, e comed-o.

Quando faziam o muquem, o moço ouviu caniar um aucaan; foi ter com elle e contou-lhe onde estavam os dois surucucús. O aucauan comeu os dois surucucús.

O moço passou para a banda do campo onde encontrou um tuyuyú pescando e pondo o peixe em um uaturá (5).

O moço pediu-lhe que o levasse consigo.

O tuyuyú quando acabou de pescar mandou-o entrar no uaturá, levantou o vôo e deixou-o sobre uma grande arvore.

De cima o moço viu uma casa. Desceu da arvore e foi lá.

Quando chegou á beira da roça viu uma mulher ralhando com as cotias que lhe comiam a mandioca.

A mulher levou-o para a casa e lá perguntou-lhe donde elle vinha.

O moço contou o que lhe acontecera desde que estava pescando á beira do igarapé, quando veio a velha gulosa.

Ainda era menino então, hoje estava velho.

A mulher lembrou-se delle e conheceu que era seu filho.

O moço entrou para sua casa.

(1) — Assadeiro ou grelha, geralmente de forma triangular, feito de madeira, onde assam (muquezm) peixe ou carne.

(J. V.)

(2) — Presa (J. V.)

(3) — Paneiro (J. V.)

(4) — Tecido de tâlas, de forma conica, com duas aberturas afuniladas por onde o peixe entra e não sai.

(5) — Cesto de tâlas muito fortes.

Companheiros inseparáveis

**WAHL PEN
EVERSHARP**

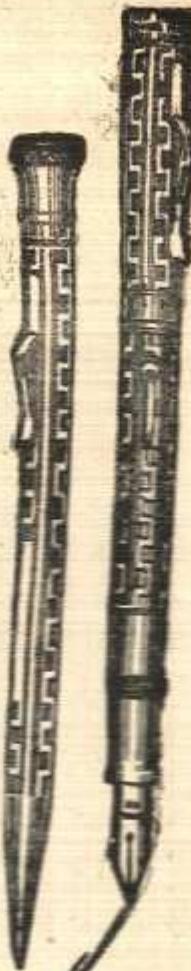
PONTA estriada no Eversharp, cylindro de metal na caneta Wahl, e identico desenho em ambos, identificam os melhores utensilios de escrever. Há-os gravados com os mesmos desenhos artisticos. Os que convem no tamanho, estylo e preço, encontram-se entre elles.

CASA PENNA

Os genuinos levam o nome gravado.

Isso os garante.

THE WAHL COMPANY
Nova York E. U. A.



DIABADA

Era rarissimo nas prisas éras das sertões do Ceará pronunciar alguém a palavra «diabo». Esse má vez constitui grande percalço; dizia-se que o diabo tinha no interior uma relação nominal dos pecadores, que delinavam seu terrível nome e, pelo número de vezes que o proferiam, iam-as caluniantes os tremendos e merecidos castigos, entre os quais o de um eterno banho de imersão em chumbo derretido, nas borriças caídas de Pedro Boteiro.

Por isso substituia ardilosamente o exorcido nome pelo de Diango, Satana, Diabo Tinhoso, Cão, Maldito, Sojo, Capitão, Nô-

lho. Ao apressar-se perguntava-lhe João Diabo:

— «Cach» o diabo do bai Serubim, que foi «pegi pra made se fazi» o diabo da matutina? — «Batu» no matto o diabo?

— Ora, mas por... O diabo do bai metteu se no diabo de um hermado de unha de gato, subiu a sique-sique, que era mesmo o diabo, tinha «descalço» e «pidriguio», como todos os diabos; mesmo assim eu venci todos esses «dificilidades», mas porém... o diabo do casalho casou, que não «descava» mais nadir; «que quer me de fazi, cum ioldos os diabos?»

Esta foi a melhor:

De novo feita, se haver pessoa desobriga, tempo de sétima, lamen o mesmo. padre Be-

nício e sua comitiva arranchar-se em casa de João Diabo.

Muito bem recebidos, accommodaram-se no copiá, onde foram armadas para todos bonitas e commodas rãdes bordadas e varandas.

Um tanto somnolentos, não podiam conciliar o sonno por causa da algazarra da hospitalicea família na azaframa de teimas no interior da casa, ao preparar atrapalhadamente bôa e abundante refeição para os hóspedes de cerimônia. A palavra por todos assás repetida em alta voz era — diabo.

O padre dominava com evangelica paciencia e resignação sua enorme contrariedade, mas o diapasão, ao chamar diabo, aumentou de tal modo que, dirigindo-se o reverendo ao chefe da família, disse-lhe delicadamente:

FÁBRICA COLOMBO

DE
MOURA BASTOS & C. A.

Mantém grande depósito deca misas, ceroulas, collarinhos e pyjamas, confeccionados com todo esmero e bom gosto, podendo competir, tanto na qualidade como no feitio e preços, com os melhores artigos nacionaes e estrangeiros. Executa encommendas com a maxima brevidade. Marca registrada — COLOMBO.

Rua Barão do Triumpho, 50. — PARAHYBA

sei-que-diga, Demonho, Malino, Capitu etc.

Mais não ha regra sem exceção. Vejam só:

Habitava em sua fazenda de gado, derrubada «Bôa sorte», nos sertões de Quixeramobim (Ceará) uma família conhecida pela alcunha de «endiabrida», devido ao costume de chamar pelo diabo, a todo propósito e até mesmo fôra de propósito.

Por exemplo: o chefe da família, cortejado por João Diabo, ao procurar de feita, o cachimbo, bradou colérico: — Olha, está o diabo do meu cachimbo, que já tinha procurado «cuma» o diabo e nada do diabo «aparecer»!

Respondeu um dos filhos:

— Também o diabo do cachimbo de pae não tem um diabo de um canto... «Cuma se é incontrá» esse diabo?

Um bello dia chegou do campo outro

CERVEJA
ANTARCTICA
PILSENER

— Dê providencias, para que não se chame tanto pelo maldito. Repare que a palavra mais repetida que se ouve em sua casa é — diabo... sou um sacerdote; não devo tolerar isto.

João Diabo achou que o padre tinha cartadas de razão e disse-lhe:

— Espere um «instantinho, tenha mão seu vigaro», que eu acabo já, já, com essa diabada todinha.

Voltando-se, então, para o interior da casa, vociferou:

— Que diabo de diabada é essa ahi dentro «cum» todos seiscentos milhões de diabos? Ira! E diabo «p'ra» cd, diabo «p'ra» lá; já parece um inferno «cum» todos os diabos! Acabem já, já, com essa diabada ahi dentro, «cannai» do diabo! Já o diabo do «pade» é damnado da vida que parece o diabo!...

Leal de Miranda

A COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA acaba de lançar no mercado uma nova marca de cerveja ANTARCTICA PILSENER em cuja manufatura são empregados lupulo e cevada de primeira qualidade.

O novo tipo especial é o único em toda America do Sul que rivalisa francamente com a famosa Pilsener Alemã. — ESPERIMENTEM-N'A!

COLLABORAÇÃO

NÓS

Lavandeiras da Minha Terra

Partem cantando à luz das alvoradas,
Molhando os pés na grama dos caminhos...
E, ao som de suas vozes, acordadas
Beijam-se as aves no fruxel dos ninhos.

As lavadeiras seguem descuidadas,
Ora prendendo as roupas nos espinhos,
Ora apanhando as frutas machucadas
Que o appetite aguçou dos passarinhos.

Depois, à tarde, o sol desaparece
Por traz do rio. A noite desce, desce,
E um boi cominha pela estrada, lento...

Elaas ao lar retornam, conversando,
Emquanto a lira pelos céus pairando.
Esgarça a seda azul do firmamento.

PALMYRA WANDERLEY

GUILHERME DE ALMEIDA

COLLABORAÇÃO

Tuberculosa

Não te impressiones, não te inutilises,
Perque ficaste assim tuberculosa;
Vê que a aurora de faces cõr de rosa,
Ao vir do sol, tem muitas hemoptyses.

Os teus amores, sendo os teus juizes,
Minha triste Suzana lacrimosa,
Fizeram-te esquelética, nervosa,
A guisa dos teus sonhos infelizes!

Na luz incomparável dos teus olhos,
Na febre que te mata, dia a dia,
Um nauta errante lucia nos abrolhos...

E, sem remorso, te apunhalava o peito,
Para deixar minh'alma, inerte e fria,
Ajoelhada deitante do seu leito.

PAULO BENEVIDES

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA
E
PERFEIÇÃO
ULTIMA MODA

Sob a dire-
ção cri-
teriosa de
habeis cor-
tadores
italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Finheiro - 176 e 180

De tudo e... para todos

Limpeza das luvas — As luvas, tão caras, e que tão rapidamente se enxovalham, podem facilmente ser aproveitáveis, ficando quasi renovadas, usando-se uma das duas seguintes receitas:

Água de Javel	164	grammas
Sulfato em pó	250	"
Água	150	"
Amoniaco	10	"
Leite	1000	grammas
Carboréto de soda	5	"

Para se limpar as luvas, estregue-as com um pedaço de flanelha impregnado em um dos dois preparados.

Para limpar prataria — Obtém-se perfeita limpeza dos objectos de prata, usando-se a seguinte mistura:

Ammoniaco	2	partes
Alcool	2	"
Cré	4	"

Applica-se a mistura sobre os objectos, que, momentos depois, são friccionados com uma pequena escova.

Licor de café — Para se obter sabroso licor de café, usa-se a seguinte receita:

Café torrado	50	partes
Alcool a 85	940	"
Assucar	62	"
Água	62	"

Junta-se o café ao alcool, deixando-se em fusão oito dias, depois dos quais se adicionam a agua e o assucar, e filtra-se.

Na revolta

...

Noivar — Problema feminino

Vem da Alemanha o noivado dourado e galante, ao mesmo tempo útil e profundo — um costume de noivas.

Noivar vai ser agora uma nova escolástica e credita, sujeita a uma certa disciplina e rito de boas regras. Tá se vê o tempo em que o noivado era uma consequência lógica do namoro, isto é, um contrato d'álma entre o namorado e o matrimonio, sem a leveza dos presentes e nem as responsabilidades do segundo, quando se tratava de um só presente de outro.

Hoje, não; depois que os alunos voltam a matrícula, é preciso que o noivado responda certo número de questões para a criação desses institutos matrimoniais, que vêm a mudar as noivas do futuro, dando-lhe novas ideias para a vida, se aquela dificilmente poderá a compreender qualitativa e quantitativa vez e à grinalda de rosas passar.

Simplesmente inscrever-se na escola para fazer o seu educandário e um encontro à medida — momento em que nos creamos, e vai fazendo a matrícula nos professores filhos curioso e infinitamente mais grave — que basta de ser um problema feminino.

Julgam os saxonos, com a sua ignorância natural e exímia vocação de análise, que é de moda para se elega um domicílio em que a mulher seja sua proprietária e necessária a construção de um lar com as necessidades perfeitamente definidas. Neste se aplica ao noivado e às noivas inexperientes. O direito é um instrumento de educação,

CASA MORTUARIA

J. Barros & Serrano

Fábrica de velas — Candelaria — Coração
S. João, de aniversários e casamento.
Completo sortimento de arregos funebres.
Armadores e falecidos.
Confeccionam altares para baptizados e casamentos e presentes especiais — Artes
e carros funebres de 1^o, 2^o e 3^o, para
adultos e crianças.
Acceptam chamados para missa da Capital e
abre a qualquer hora da noite,
podendo ser procurado na rua Duque de
Caxias n.º 340 ou na avenda Pedro II
residência de José J. Barros Moreira

MIUDEZAS

E PERFUMARIAS.

ODILON MARTINS ED MESQUITA

RUA MACIEL PINHEIRO, 38

Endereço Teleg. — ODMESQUITA

Caixa Postal, 45.

PARAHYBA DO NORTE

como tal, precisa de ter o seu rythmo acompanhando, o rythmo geral, a sua entrosagem perfeita e o seu giro amavelmente distribuído. Como se fazia até então, o noivado oferecia surpresas pitorescas e desagradáveis, mas, assim mesmo, elas surprezas. Havia até certa inclinação para as noivas que de cada entendiam. Já Molière collocara no dialogo entre Arnolphe e Chrysalide esta passagem verdadeiramente notável e típica:

Arnolphe:

— Je sais que ma sotte est pour n'être point sot.
Je crois, en bon chrétien, votre molière fort sage.
Mais une femme habile est un mauvais préjuge

— Je prétends que la ménage, en clarté peu sublime
Nâme ne sait pas ce que c'est qu'une rime

— En un mot, qu'elle soit d'une ignorance extrême.
Et c'est assez pour elle à vous en bien parler
De savoir prier Dieu, n'aimer couvrir et filer
Chrysalide.

— Une femme stupide est donc votre marotte ?
Arnolphe:

— Tant que j'aimerais mieux une laid bien sotte,
Qu'une femme fort belle avec beaucoup d'esprit.

Animadix por essas perversas, insinuantes sentenças proferidas em «L'Ecole de femmes», os maridos de hontém e de hoje participaram muito mais das pacatas escolhas de Arnolphe do que da rigorosa seleção de Chrysalide. Dahi a satis-

MERCEARIA MODÉLO

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de bebidas finas, conservas, salames, presuntos e frutas.

Especialista em vinhos, licores, bombons e doces.

J. Honorato & Cia.

CAIXA POSTAL, 67.

Telegogrammas MODÉLO ---- Telephone, 250.

R. Maciel Pinheiro, 123.

* * PARAHYBA * *

Hotel "Luso Brasileiro"

OPTIMA SITUAÇÃO, DEFRENTE DA "O. WESTERN". COSINHA DE 1.ª ORDEM. DORMITÓRIOS HYGIENICOS.

Gerente: CLAUDIO MAIA

Numa Juíza correicional

O presidente que acaba de condenar o réu a 2 anos de cadeia.

— Pedro Virote, não tens causa alguma a acrescentar?

O réu num tom plangente:

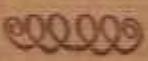
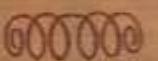
— Não, sr. juiz, eu teria antes que cortar...

..

— Quem é capaz de citar cinco dias da semana sem dizer segunda-feira, nem terça, nem quarta, nem sexta, nem sábado, nem domingo?

Ninguém responde.

— Pois é taciturno: ante-hontem, hontem hoje, amanhã, e depois de amanhã.



ficação com que recebiam e recebem os Santos Desastres das esporas que não fizera o aprendizado complexo e difícil do Lar.

Defendendo a instituição de um educandário para as nupcias, um publicista de Bremen recorda com suggestivo encanto a história de uma collegial que, surprehendida pela paixão de um oficial de cavalaria, confessou-lhe, após o enlace que todo o seu amor ao noivo consistia em vê-lo domar um corcel, e que fóra disso, nenhum interesse mais lhe despertava.

Corroborando a necessidade de orientar a mulher, desvendando-lhe todos os equívocos e descobrindo aos seus olhos uma paisagem verdadeira e feliz, sem os enganos fáceis de todo dia, outro assessor do Colégio do Lar conta-nos a história de uma linda inglezinha, assediada pelas mais ilustres figuras da sociedade londrina, e que, tendo de optar por um dos admiradores, ofereceu a mão a um simples carreiro viajante, por lhe faltar a ela coragem e hábitos de dona de casa, razão porque aos palácios que se lhe abriram e às ricas moradas que solicitavam a presença e o desvelo de anelha mestra, teve de preferir os quartos de hotel com o desfile dos incommodos perpetuos.

Resta agora saber se o novo instituto, com todas as vantagens que oferece, resolverá essa grave questão nupcial que, dia a dia, mais sérios aspectos assume. Por melhor que sejam os processos aplicados à formação feminina, nesse laboratório de noivas que acaba de ser criado, o meu incorrigível scepticismo não encontra solução para algumas faces da eterna e sempre doce questão conjugal. Ser boa dona da casa, é de facto, essencial, mas não é principal. Mas não é ordenar, disciplinar, organizar é muito, mas não é tudo. Outras coisas sutis e positivamente imponderáveis escapam aos objectivos edificantes das escolas de noivas. E docentes e mestres verificarão (como certo amargor) que os diplomas de noivas não farão sempre boas esposas. Tudo se pôde ensinar à alma feminina e quem nem tudo pôde aprender.

Nosso não é uma simples questão de estudo, um curso de conhecimentos práticos. É muito mais do que isso. Tem recantos invioláveis que escapam ao sol das teorias. E como é doce a penumbra desses misterios, onde não chega o raio da ação pedagógica, e onde ninguém consegue entrar sem alibi maravilhoso...

Imagino com tristeza como será importuna aos meus olhos uma noiva diplomada, disposta a achar um noivo para justificar o diploma. Noiva será, dessa maneira, uma profissão como outra qualquer, despidas dessas imprevidencias amaveis que tornaram mais lindas as noivas do tempo de Molière, com todos os seus embarracos, a supplicar indulgência.

Sempre julguei que a formação de uma noiva seria mais trabalho do noivo do que de colégios apropriados. Estes não terão o privilégio de formar o coração. Por isso não aprovo a nova escola, a não ser que entre as catedras uma huvesse destinada a preparar o coração das futuras noivas. Nesse caso até eu estaria disposto a dar mãos à obra. Infelizmente, não cogitaram os reformadores de cadeira tão importante.

Em todo caso, pôde ser que seja meu o equívoco, e que o difícil problema nupcial esteja enfim resolvido, mesmo porque, nesses assumtos, ando sempre mal informado, e nunca me dou razão. São assumtos que solicitam infinito interesse que exigem uma experiência longa e meditada, e nessas questões de amor e matrimônio, bem contra o meu gosto, eu não sou senão um hospede inocente.

OSWALDO ORICO.

MONJAS

Monjas, que tendes macerada a face
E tão fria a vossa alma de mulher,
Qual se Deus para o amor vos não criasse...
Monjas, porque sois monjas? E' mistér

Ser como a rosa que, entre espinhos, nasce,
Ferindo o labio que beija quer,
Para fugir à voz de Lovelace,
Para fugir ao riso de Voltaire?

O' vós que tendes para as harmonias
Do amor terreno o coração fechado!
Lembrai-vos que, de Deus, -- monjas sombrias,

A benzam para a Vida se evolou
Do primeiro sorriso apaixonado
E da bôcca primeira que beijou!

Eduardo Barros

Ford

O AUTO UNIVERSAL

DOUBLE-PHAETONS 5 passageiros com
partida automática.

DOUBLE-PHAETONS 5 passageiros com
partida e rodas desmontáveis.

VOITURETTE com partida automática.
SEDAN com partida automática.

CAMINHÃO (Chassis) Tractor FORDSON — Peças legítimas FORD

Peçam prospectos e informações aos agentes.

G. PETRUCCI & CIA.

Rua Maciel Pinheiro, 198 — Parahyba.



Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — FERNANDES

Praca Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

• F. H. Vergára & C.

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES

KEROZENE, ARAME, FARPAZO, MADEIRAS, SALITRE, FAXONITE E CIMENTO.

• Todos os artigos do ramo de estiva

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

• Serraria, descascamento de arroz, a vapor.
Refinação de açúcar, Torrefação de café e Fábrica de cigarros.

• Filiais em Campina Grande e Guarabira

Praca Alvaro Machado, 6 — R. Desemb. Trindade, 14 e 16.
Preços: S. Antônio 8 e 15 de Novembro.

• Endereço Telegr.: VERGÁRA

PARAHYBA

SOCIEDADE ANONYMA

WHARTON PEDROZA

SEDE: — NATAL — Caixa Postal n. 44

FILIAES — Paraíba, Campina Grande e Alagoas Grande

COMPRADORA E EXPORTADORA DE:

Algodão, Caroão e demais Gêneros do País.

FILIAL DE PARAÍBA

O presente de aniversário

Victálina — Hontem, dia dos meus annos,
Januário deu-me uma rosa por cada um dos
que fiz.

A amiga — Que imenso bouquet havia
te set?

Os vestidos curtos das filhas fazem as
mocinhas compridas das mães.

Alexandre Dumex Filho

Victálina professa — «Eu sou bella» em
que tempo está?

A aluna — (muito de propósito) no pre-
terito mais que perfeito.

— Diga-me, Carlito, quem era Colombo

— Um passaro, professor.

Ora essa!

— E' que eu li num livro uma coisa que
tinha um título assim: «O rey de colombo».

COMISSÕES, REPRESENTAÇÕES, SEGUROS E VAPORES

FABRICA, CONTANCIAS E IMPORTANTES FIRMAS NACIONAIS E EXTRANJERAS • DOM. ALLIANÇA DA BAHIA • HOGAR FIDUCIA LINHA HAMBURGO

CONS. RIBEIRO, BORGES, MAS
COTE ABC. 5.º ED. e PARTICULARES
TELEG. ORBITTO PARAÍBA

ORESTES BRITTO

RUA MACIEL PINHEIRO, 77
PARAÍBA
CAIXA POSTAL, 78

PARAÍBA DO NORTE — BRASIL